



João e a Corrente dos Baianos

Carlos Lucena e
Amigos Espirituais



NAVEGANDO

João e a Corrente dos Baianos

Carlos Lucena e Amigos Espirituais

João e a Corrente dos Baianos

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais

Navegando Publicações

2023



NAVEGANDO



NAVEGANDO

www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com

Uberlândia – MG,
Brasil

Direção Editorial: Navegando Publicações
Projeto gráfico e diagramação: Lurdês Lucena
Arte da Capa: Alberto Ponte Preta
Imagem Capa: Meneia Nucci – Pinterest

Copyright © by autor, 2023.

C2841 – Lucena, C.; Amigos Espirituais. João e a corrente dos baianos. Uberlândia: Navegando Publicações, 2023.

ISBN: 978-65-81417-86-4

DOI – 10.29388/978-65-81417-86-4

1. Espiritismo 2. Corrente dos Baianos 3. Umbanda I. Carlos Lucena II. Navegando Publicações. Título.

CDD – 218

Índice para catálogo sistemático

Imortalidade

218

Lurdes Lucena – Esamc – Brasil
Carlos Lucena – UFU – Brasil
José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil
José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU – Brasil

Conselho Editorial Multidisciplinar

Pesquisadores Nacionais

Afrânio Mendes Catani – USP – Brasil
Anderson Bretas – IPTM – Brasil
Anselmo Alencar Colares – UFOPA – Brasil
Carlos Lucena – UFU – Brasil
Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil
Cilson César Fagiani – Uniube – Brasil
Dermeval Saviani – Unicamp – Brasil
Elmiro Santos Resende – UFU – Brasil
Fabiane Santana Previtali – UFU, Brasil
Gilberto Luiz Alves – UFMS – Brasil
Inez Stampa – PUCRJ – Brasil
José dos Reis Silva Júnior – UFSCar – Brasil
José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU – Brasil
José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil
Larissa Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Lívia Diana Rocha Magalhães – UESB – Brasil
Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp, Brasil
Maria J. A. Rosário – UFPA – Brasil
Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil
Paulino José Orso – Unioeste – Brasil
Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil
Robson Luiz de França – UFU, Brasil
Tatiana Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Apos.) – Brasil
Valeria Lucília Forti – UERJ – Brasil
Yolanda Guerra – UFRJ – Brasil

Pesquisadores Internacionais

Alberto C. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires – Argentina
Alicia Maria de Castro Martins – (I.S.M.T.), Coimbra – Portugal
Alexander Steffanell – Lee University – EUA
Ángela A. Fernández – Univ. Aut. de St. Domingo – Rep. Dominicana
Antonio Vidal Ortega – Pont. Un. Cat. M. y Me – Rep. Dominicana
Armando Martínez Rosales – Universidad Popular de Cesar – Colômbia
Artemis Torres Valenzuela – Universidad San Carlos de Guatemala – Guatemala
Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires – Argentina
Christian Cuvik – Universität Graz – Austria
Christian Hauser – Universidad de Talca – Chile
Daniel Schugurensky – Arizona State University – EUA
Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Elsa Capron – Université de Nimès / Univ. de la Réunion – France
Elvira Aballi Morell – Vanderbilt University – EUA
Fernando Camacho Padilla – Univ. Autónoma de Madrid – Espanha
José Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena – Espanha
Hernán Venegas Delgado – Univ. Autónoma de Coahuila – México
Isidre Gjergji – Universidade de Coimbra – Portugal
Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia
Johanna von Grafenstein, Instituto Mora – México
Lionel Muñoz Paz – Universidad Central de Venezuela – Venezuela
Jorge Enrique Elias-Caro – Universidad del Magdalena – Colômbia
José Jesus Borjón Nieto – El Colegio de Vera Cruz – México
José Luis de los Reyes – Universidad Autónoma de Madrid – Espanha
Juan Marchena Fernandez – Universidad Pablo de Olavide – Espanha
Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador – Ecuador
Lerber Dimas Vasquez – Universidad de La Guajira – Colômbia
Marvin Barahona – Universidad Nacional Autónoma de Honduras – Honduras
Michael Zeuské – Universität Zu Köln – Alemanha
Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal
Pilar Cagiao Vila – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha
Raul Roman Romero – Univ. Nacional de Colombia – Colômbia
Roberto González Aranas – Universidad del Norte – Colômbia
Rommy Viales Hurtado – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Rosana de Matos Silveira Santos – Universidad de Granada – Espanha
Rosario Marquez Macias, Universidad de Huelva – Espanha
Sérgio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana – Cuba
Silvia Mancini – Université de Lausanne – Suíça
Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal
Tristan MacCoaw – University of London – Inglaterra
Victor-Jacinto Flecha – Univ. Cat. N. Señora de la Asunción – Paraguai
Yoel Cordoví Niñes – Instituto de Historia de Cuba y Cuba – Cuba

*Dedicamos este livro a todos os trabalhadores da Corrente dos
Baianos*

Sumário

<i>Prólogo</i>	8
<i>A Infância</i>	18
<i>O Resgate</i>	39
<i>Os Sonhos Inocentes</i>	48
<i>O Conflito</i>	60
<i>O Embate</i>	76
<i>João Baiano</i>	100
<i>O Recomeçar</i>	122
<i>Reflexões</i>	132
<i>Sebastião</i>	150
<i>A Vingança</i>	162
<i>O Reencontro</i>	180
<i>Paris</i>	195
<i>A Reconciliação</i>	217

Prólogo

Este livro é uma homenagem aos trabalhadores da corrente dos baianos que trabalham nos Centros Umbandas do Brasil. Ele recupera a história de João Baiano, um animado e bondoso amigo da referida corrente que sempre está disposto a dar conselhos e querer o bem daqueles que lhe pedem ajuda.

O livro conta a história de João Baiano e sua amizade com Sebastião, desde uma anterior encarnação de ambos junto aos Celtas, quando foram irmãos carnavais. João Baiano realiza uma nova encarnação, na Bahia, no século XVIII, mesmo sem dela necessitar para o seu desenvolvimento, motivada por ajudar um irmão tão querido para ele. Este é o sentido da intensa preocupação de João Baiano com Sebastião que se apresenta na história contada neste livro.

João Baiano encarnou no Brasil, no interior da Bahia, carregando o conhecimento dos druidas que obteve no

passado. Os conhecimentos curativos propiciaram que ajudasse a centenas de pessoas necessitadas. Como o desenvolvimento do seu potencial curativo desenvolvido junto aos druidas celtas, atraiu a ajuda dos irmãos da corrente dos baianos que já trabalhavam na espiritualidade, mas ainda não eram conhecidos no mundo material. Por ocasião do seu desencarne, se juntou a estes irmãos e construiu um processo de sólidas relações de irmandade, amizade e trabalho.

A corrente dos Baianos, ligada à corrente das almas, tem como missão trazer o conforto e a esperança a todas as pessoas. Eles são representantes de correntes similares às dos Pretos Velhos. Os irmãos desta corrente representam a força daqueles que ficavam à margem da sociedade e desenvolveram seus conhecimentos por meio das experiências da vida.

Como entidades de grande bravura, carregam a irreverência de todos os nordestinos, tendo grande importância na transmissão de força e esperança a todos os necessitados. Possuem um jeito de falar simples e de fácil compreensão,

mas com grande conteúdo. A sua sabedoria é elevada, permitindo que tenham grandes conhecimentos sobre todos os fenômenos da vida encarnada e desencarnada.

Os irmãos da corrente dos baianos transmitem a esperança, alegria e fé para as pessoas lidarem com as dificuldades da vida. Muitos dos seus componentes são descendentes de escravos da Bahia, possuindo grande conhecimento medicinal. Contudo, a sua composição não se limita apenas aos baianos, mas sim a trabalhadores de todos os estados nordestinos.

A corrente dos baianos é composta por espíritos alegres e descontraídos que gostam de aconselhar e orientar aqueles que deles precisam. Eles são muito agradecidos àqueles que desenvolvem o bem e suas ações representam a alegria e esperança a todos os sofredos.

Eles estão presentes também na Linha dos Baianos, os denominados espíritos de marinheiros, cuja ligação se dá com Iemanjá e aos caboclos boiadeiros que trabalharam no

sertão nordestino. A alegria é o traço de sua ação, sendo suas rodas movimentadas e cheias de euforia. O seu tom de cumprimento é: É da Bahia, meu pai! Salve os Baianos! Salve a Bahia!

Muitos dos trabalhadores baianos foram sacerdotes em outras encarnações, tendo muita afinidade com o culto aos Orixás, mas sem galgar o grau dos Pretos Velhos. Com o tempo, conseguiram se estabelecer como uma egrégora de trabalhadores que acabou sendo batizada como a corrente dos baianos.

Os baianos são amigos verdadeiros. Alguns têm origem na Quimbanda, possuindo grande conhecimento dos seus princípios mágicos. Isso possibilita que combatam diretamente as forças do mal, quebrando feitiços e se contrapondo às suas ações.

Eles sempre trabalham em grupo, o que os fortalece como soldados do bem, ajudando em tudo o que é permitido por Deus. Como trabalhadores do bem, sempre dizem a

verdade, independente das pessoas que os procuram quererem ou não ouvir e não compactuam com o mal.

João Baiano possui tamanha bondade e leveza que nos lembra a alegria dos velhos amigos quando se reencontram. O seu olhar é meigo e bondoso e suas palavras são sinceras. Toda vez que encontro este amigo, o meu coração se enche de felicidade. As suas energias emitem tons azuis e tem a capacidade de amainar o coração daqueles que o ouve.

Uma vez, em nossas rápidas conversas, perguntei por curiosidade o seu nome. Ele ficou sem jeito e encabulado e me disse que não poderia dizer. Ele tinha os seus motivos, que talvez não fossem compreendidos por mim e, imagino, estava com receio de me magoar. Contudo, reforçou que não lhe era permitido dizer.

Eu não insisti, pois ocorreu em mim um sentimento recíproco de constranger um amigo tão querido por algo tão irrelevante. Confesso que até me arrependi de ter perguntado, pois, de início, não imaginei que isso o constrangeria. Com

certeza, isso se deu em virtude de minha limitada condição de encarnado que tem dificuldade em conversar com alguém que tanto admira sem saber o seu nome.

Os tambores, os atabaques, as músicas e as palmas eclodiam em sons e energias na casa espírita. Os passes curativos e de limpeza eram dados em dezenas de consulentes e trabalhadores. Quando eu estava saindo, agradecendo pelos passes que me foram dados com tanto amor e dedicação, ele me puxou pelo braço e me disse baixinho e meio sem jeito: você pode me chamar de João Baiano.

Eu sorri, agradei e saí. A partir daí sempre o chamei por este nome e nunca mais toquei no assunto. Caso um dia ele revele outro nome, será por sua iniciativa e não por insistência minha. Como verão no primeiro capítulo deste livro, o nome João é belo e possui grande significado expresso através do sincretismo religioso entre a Umbanda e o Catolicismo.

Toda vez que conversamos com a espiritualidade, os nossos irmãos nos dizem que nomes não são importantes. Muitos deles têm receio de não serem entendidos e serem acusados de mistificação. Kardec, no Livro dos Médiuns, disserta sobre esta questão no capítulo XXIV, item 268.

Os motivos apresentados são diversos. Alguns espíritos possuem nomes que não são conhecidos na Terra e que teríamos dificuldade até de pronunciá-los em virtude da fonética da nossa língua.

Outros possuem nomes de personagens que foram reverenciados em sua existência e que pouco importam no plano espiritual. Eles temem que esta reverência seja confundida com exuberância e, em casos específicos, quando não puderem comparecer em uma reunião, enviando outros trabalhadores em vibração similar para representá-los, estes sejam confundidos como mistificadores, mesmo isto sendo possível entre os espíritos do bem.

Existem casos em que espíritos de baixo padrão moral adotam nomes conhecidos para iludir os trabalhadores de casas espirituais despreparadas. Eles se aproveitam do deslumbre dos despreparados pelo acesso a personalidades famosas, para obsediá-los, iludindo-os com palavras de efeito, mas sem coração. Não existe coisa mais fácil do que manipular um coração vaidoso que clama pela fama ou de ao menos estar próxima dela.

Quando saí do encontro com este amigo, tive uma certeza. O olhar bondoso e compenetrado daquele irmão colocou fundamentos para que eu escrevesse, por inspiração mediúnica, em conjunto de amigos espirituais, aos quais sequer sei o nome e não consigo quantificar, a sua história e a relação com seu grande amigo de infância, Sebastião.

O que mais me chamou a atenção foi a sua humildade em falar em nome dos trabalhadores da corrente dos baianos, agradecendo por fazer parte de um livro escrito, também por inspiração mediúnica, em conjunto com o Menino Tarcísio,

meu grande amigo desencarnado, e demais amigos espirituais cujo título é “As crianças de Aruanda e o Instituto de Luz” que vocês acessam de forma gratuita pelo seguinte endereço eletrônico: <https://www.editoranavegando.com/aruanda>

Neste livro existe uma pequena passagem sobre a corrente dos baianos. A gratidão de João Baiano por ter sido lembrado é comovente. Ele agradeceu em nome de todos os baianos, dizendo, de forma verdadeira, que sempre estariam junto comigo em tudo o que eu precisasse nesta encarnação.

Aquela luz de gratidão, por tão poucas linhas escritas em seu nome, me inspirou a produzir este livro em conjunto com a espiritualidade. Ele é uma homenagem a João Baiano e todos os irmãos da corrente dos baianos que trabalham pelo bem e a justiça por todo o planeta.

Meus amigos baianos, saibam que seu trabalho é notório e que são dignos de todo o nosso amor e respeito. A valentia moral e a bondade irradiada por vocês são inspiradoras a todos nós encarnados, cativos em um mundo

de provas e expiações, cujos resultados de nossas desventuras nem sempre são bem-sucedidos. Muito obrigado por vocês existirem e estarem sempre ao nosso lado.

Nem sempre as frases mais profundas e motivadoras são ditas em alto grau de complexidade gramática. As parábolas de Jesus recuperadas em Mateus e o no Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec exemplificam esta afirmação.

Gratidão, Gratidão, Gratidão, por toda a sua bondade em suas ações perante nós, tanto à vista dos nossos olhos, como, principalmente, longe deles.

*Que Jesus o abençoe,
João Baiano, amigo querido.*

A Infância

*E*m uma família humilde e feliz, em Salvador, no estado da Bahia, no Brasil, nasceu João, seu filho primogênito. Este nome foi escolhido em homenagem a Xangô, cujo sincretismo religioso significa São João. Xangô detém o poder do fogo e o utiliza como arma para se contrapor ao mal, permitindo purificar todos aqueles que necessitam.

As ações voltadas à discriminação cultural para a subjugação aos povos negros, índios e pobres imperava no período histórico em questão. Como forma de resistência, os escravos adotavam o sincretismo religioso entre os santos católicos e as divindades do candomblé. Existia uma forte perseguição contra os cultos religiosos de origem africana, entendidos como práticas satânicas de bruxaria que deveriam ser excomungadas.

Xangô é um orixá viril e justo. Ele é filho de Bayani e marido de Iansã, tida como deusa dos ventos. Ele nasceu como um rei pronto a reinar em torno da justiça.

A família de João era descendente dos Iorubás que chegaram como escravos ao Brasil a partir do século XVI, oriundos da região sudoeste da Nigéria e no sul de Benin. A sua cultura é rica e repleta de significados. Eles são oriundos de grupos aborígenes centrais localizados em torno da cidade de Ifé e foram subjugados pelo guerreiro Aduduwa, que depois foi considerado o criador de sua civilização.

O nome João condizia com os princípios Iorubás e com a missão que o aguardava. Aquele ser divino encarnara para ajudar ao próximo transmitindo mensagem de esperança e benevolência a todos que estivessem próximos.

A família de João era composta por escravos recém-libertos. Todos os seus integrantes eram analfabetos e desenvolviam trabalhos simples para a sobrevivência. Raríssimos eram os negros que sabiam ler e tinham alguma escolaridade.

Os números de analfabetos no Brasil no período ultrapassavam a marca de 92% entre toda a população, independente de origem de etnia.

Os seus pais, Joana e Augusto, sobreviviam e sustentavam a sua família através de trabalhos domésticos e venda de doces confeccionados por sua mãe. O seu pai era conhecido na cidade por sua habilidade no trato com a construção e a madeira. Ele aprendera a profissão na prática, e foi através dela que conquistou a simpatia e gratidão de um senhor de escravos que alforriou a ele e todo a sua família.

O uso desta tradição traduzia a herança Iorubá de serem exímios escultores capazes de fazer esculturas à base de bronze. A base artística oriunda da cultura do seu povo ancestral possibilitou o desenvolvimento da habilidade com a madeira e da construção civil.

Augusto era um homem preto alto e forte. Ele tinha em torno de 1,80 m. Usava roupas simples e era calvo. Seus

cabelos eram pretos com muito fios brancos que nasceram precocemente. Ele andava sempre descalço e suas roupas eram em tom creme.

Joana era uma linda mulher preta. Ela gostava de usar turbante colorido que contrastava com o tom creme de sua blusa e saia longa. Ela era muito amorosa e espirituosa com quem convivia. Todos gostavam dela, pois habitava o campo da verdade, dizendo às pessoas coisas certas no momento propício sem, contudo, feri-las.

Os seus pais eram trabalhadores e unidos. Muitos consideravam aquele casal como se fosse uma só pessoa. Tanto o é que todos os seus amigos os apelidaram de a “corda e caçamba”, ou seja, aqueles que nunca se separavam e só faziam sentido quando estavam juntos.

O tempo passou e mais 4 irmãos encarnaram, sendo duas meninas e dois meninos. A diferença de idade entre eles era pequena, diferindo em 1 ano. Eles eram como uma escadinha, tal qual diziam os amigos mais próximos. A cada

irmão que encarnava, a felicidade de João crescia de forma inarrável. Ele possuía um grande amor por todos os seus irmãos.

Os pais amavam João. O consideravam seu braço direito, sempre pronto a ajudar na criação e cuidado com os irmãos mais novos. A sua notável inteligência o permitiu aprender rapidamente a profissão do pai.

Quando era pequeno, João caiu de uma árvore a fraturou uma das pernas. Como o acesso à saúde era inexistente aos pobres e escravos recém-libertos, acabou por ficar com seqüela na perna quebrada. Mesmo depois que se recuperou, em virtude de os ossos terem colado de forma indevida, passou a mancar quando andava.

Esta condição manifestada pelo acidente não afetou quem ele era e nem mesmo deixou qualquer trauma. João era um menino com grande coração e alegria espontânea. A sua vivacidade e forma de olhar o mundo cativava a todos que estavam a sua volta. O seu olhar para o mundo era repleto

de amor e carinho, sempre vendo aquilo que as pessoas tinham de melhor.

Da sua boca só saíam palavras de incentivo e esperança, convidando, de forma objetiva e subjetiva, que as pessoas a sua volta vissem o que o mundo tinha de melhor. A sua alegria de viver a vida serviu para que os seus amigos mais próximos o apelidassem de João Baiano. Este apelido significava que ele representava a esperança, a fé e o espírito de todos os baianos.

A sua casa, distante do centro de Salvador, possuía 4 cômodos, sendo toda construída de barro. O telhado era de folhas de palmeiras e o chão de barro batido. A iluminação era feita por lampião. Os poucos móveis que ali existiam eram rústicos, tal qual a mesa e as cadeiras que ficavam entre a sala e a pequena cozinha e as camas nos quartos, todas feitas pelas sobras de madeira obtidas por Augusto.

A casa que moravam era simples, mas sempre cheia de crianças e amigos, um lugar onde todos gostavam de estar,

brincar e conversar. Aquela família se sentia feliz com a presença de todos os que deles gostavam. A simplicidade se confundia com a bondade e amizade que ali reinava. Ela era um local onde todos conversavam, ouviam e contavam histórias.

A fé dos seus pais fundamentou a formação de João e seus irmãos. Eles contavam histórias que alimentavam a imaginação daqueles que estavam a sua volta, recuperando a história dos orixás, tais quais Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Oxum, Iemanjá, Omolu, Nanã e Iansã. O objetivo era resgatar a cultura africana dos seus ancestrais.

Este costume atendia aos princípios básicos da cultura do Iorubás que tinham a palavra oral como central para valorizar o culto invisível aos seres humanos. Ela exprime a existência dos povos africanos e permite a manutenção de uma herança ancestral que mantém intacta a sua cultura.

A palavra fornece fundamentos para a criação de cenários, atingindo todo um universo místico. Aqueles que possuem este legado se responsabilizam pela conexão entre as entidades divinas e ancestrais.

Os versos sagrados de Ifá são o caminho para entender as relações entre o Cosmos, as divindades e toda a cultura dos Iorubás. São nestes versos que estão presentes os Oriki (evocações), o Orin (cantos), Orin-Esa (canções em homenagem aos homens), Orin-Efe (canções em homenagem às mulheres), as Aduras (orações) e os Ibás (saudações).

Entre os poemas de maior expressão, estão os Iremoje e os Ijala que constituem todo o caminhar mitológico dos Iorubás. Os babalaôs são responsáveis pelo culto a Ifá e os babalorixás e ialorixás presidem todas as iniciações dos orixás. Os babalossains realizam o culto a Ossain, representantes das forças da natureza e os babaojés veneram os ancestrais masculinos, estando à frente na relação com os desencarnados.

Toda a mitologia dos Iorubás é composta pelo culto aos Orixás, sendo eles compostos por mais de 400 divindades. Esta mitologia iorubá inspirou o candomblé, embasando a harmonia entre a humanidade e os animais.

Em uma linda noite estrelada baiana iluminada pela lua cheia, a casa de João estava repleta de crianças e vizinhos sentados próximos a uma fogueira. Augusto, inspirado pela sua ancestralidade Iorubá, tendo João sentado ao seu lado direito, os quatro filhos menores aos seus pés, e a linda esposa Joana do seu lado esquerdo, contou a todos, de forma simples, uma linda história de Xangô. A imaginação de todos aqueles que ouviam transcendiam mundos e o silêncio e atenção era total.

– Contam as lendas iorubás que Xangô foi um poderoso rei e guerreiro do reino de Oyó. Gostava de usar roupas vermelhas e tinha como arma um machado de duas lâminas denominado como Oxê. O seu reino era feliz e farto

em água e comida. Nele, todos dançavam, viviam felizes e em segurança.

– Xangô era muito vaidoso e não gostava de pessoas que não sabiam se vestir, ou mesmo aquelas que eram pobres e não condiziam com a condição do seu reino. Quando encontrava com essas pessoas, ordenava que elas fossem presas e expulsas do seu reino.

– Em uma destas situações, teve um dia em que os guardas encontraram uma pessoa maltrapilha, cujo nome era Exu, o guardador de caminhos. Xangô o expulsou do seu reino, o que causou a sua revolta. Exu jurou vingança contra Xangô.

– O tempo passou e Oxalá, pai de Xangô, foi em viagem visitar o seu filho. Exu, ao saber da visita, resolver se vingar de Xangô.

– Ele se apresentou no caminho de Oxalá e se ofereceu para ajudar-lhe a carregar os barris de azeite que levava para o seu filho.

– Oḡalá aceitou a ajuda sem nada desconfiar. Exu derramou de propósito uma parte do azeite na roupa de Oḡalá e assim prosseguiu derramando propositalmente, além do azeite, carvão e sal em sua roupa.

– A roupa de Oḡalá que era branca ficou imunda. Mesmo a sua tentativa de lavá-la em um lado não surtiu efeito, até porque, Exu o havia enfeitado.

– A vingança de Exu começava a se desenhar. Oḡalá estava tão sujo que ao chegar aos portões do reino de Xangô, não foi reconhecido pelos guardas que o espancaram e prenderam. Eles acharam que ele era um mendigo que levaria a pobreza para a cidade.

– Quando foi preso, Oḡalá conheceu na prisão muitos injustiçados por seu filho e se revoltou. Como resposta, ele amaldiçoou o reino que passou a conviver com a fome e a sede.

– Sete anos se passaram e a escassez se mantinha no reino. Foi aí que Xangô pediu orientação para um oráculo que lhe explicou o que acontecera.

– O desespero e arrependimento bateu em Xangô. De imediato, pediu que seu pai fosse solto da prisão, dando-lhe banho e cuidando dos seus ferimentos.

As crianças e os adultos que ouviam a história estavam boquiabertos e curiosas com o seu desfecho. Os seus olhos demonstravam o brilho de se imaginarem como personagens de tão linda passagem mítica. Foi aí que Augusto concluiu a história.

– Esta é uma história que ilustra as injustiças que cometemos na vida e como devemos nos arrepender e mudar nossas formas de agir quando erramos com os outros.

– Xangô se arrependeu e pediu desculpas para o seu pai, o que foi atendido. Ele mudou a sua forma de ver o mundo, respeitando e ajudando, a partir de então, todos os pobres e necessitados.

– Contam os anciões que toda vez em que alguém morre atingido por um raio, isto é o resultado da punição imposta por Xangô à pessoa injusta com outras em vida. Quando uma casa é atingida por um raio, significa que o Orixá mostra o seu poder determinando que os seus habitantes devem mudar a sua forma de ser.

– Nós todos devemos mudar a nossa forma de ser, pois todos podemos fazer o bem ao próximo, não nos enganando com as aparências e nem esperando nada em troca.

Aquelas palavras mexeram com todos os presentes. A história de Xangô era uma lição de vida que servia a todos os presentes. A inspiração estava na afirmação à qual todos deveriam ser bons e fazer o bem. Eram estes valores que sustentavam formação moral de João Baiano.

Além das boas inspirações propostas pelos seus pais, tal qual a história de Xangô, no plano espiritual, a

encarnação de João Baiano era acompanhada com todo zelo por seus amigos baianos espirituais.

João Baiano foi um dos integrantes da corrente dos baianos no plano espiritual. Entre os objetivos da missão proposta nesta nova encarnação, estava levar a fé e a esperança a todos aqueles que estivessem a sua volta, especialmente aos amigos mais próximos. Ele carregava em seu interior os valores e princípios de todos os irmãos da corrente dos baianos.

Entre os seus melhores amigos espirituais estavam José, Elpídio, Manoel, Joaquim e Maria. Estes amigos acompanhavam a sua encarnação influenciando e o protegendo das situações difíceis que a vida apresentava.

José tem a pele preta e usava um chapéu de palha. A sua camisa é azul clara e, sobre ela, usa um lenço da cor vermelha. A sua calça é branca e ele usa um chinelo de couro.

Elpídio também tem a pele preta e não usa camisa. A sua calça é vermelha, com um cinto de couro e anda descalço. Ele tem bigode e um grande cavanhaque.

Manuel usa uma roupa que lembra o tom creme, uma derivante de um branco sofrido do sol e um chapéu de couro, comumente usado pelos cangaceiros. O seu rosto é queimado pelo sol escaldante. Ele usa um lenço vermelho em torno do pescoço e um outro pedaço de pano de cor branca em torno do seu braço direito.

Joaquim usa um terno todo branco e uma gravata vermelha, O seu chapéu é branco, tendo uma faixa vermelha em seu interior. Ele usa um amplo bigode que vira para baixo de sua boca. A sua pele é preta.

Maria possui a pele preta. Usa um chapéu com uma faixa estampada com cor predominante azul, os brincos são grandes e o batom é vermelho. O seu vestido é em tom estampado, tendendo para a cor creme.

Em uma dessas missões de acompanhamento, conversavam entre si, observando o rápido crescimento de João Baiano. Foi assim que Joaquim falou:

– Olhem que bela criança é João Baiano. Os seus olhos brilham de esperança e bondade. Como é lindo observá-lo. Ele está crescendo muito rápido. Parece uma flor desabrochando.

E os seus olhos se encheram de lágrimas de admiração. Maria falou:

– É verdade. Chego a sentir saudades de quando ele estava aqui junto de nós. Quando conversávamos, brincávamos, dançávamos e ajudávamos os necessitados. Ele era um exímio capoeirista e tocador de atabaque.

– Quantos conselhos bons ele me deu. Era sempre sábio e comedido em suas palavras. Nem precisava mais encarnar, contudo, veio em uma missão para ajudar um amigo. Eu tenho muita admiração pelo zelo de participar de uma missão assim.

José, que ouvia atentamente, continuou:

– Estaremos sempre juntos para ajudá-lo no que precisar. Ele é nosso grande amigo e escolheu encarnar em um período muito difícil do Brasil, especialmente para o estado da Bahia que está em ebulição política.

–Traições, lutas pelo poder, vaidade e discriminação marcarão a sua passagem pela Terra. Contudo, está muito bem preparado e não sucumbirá a nenhuma destas provações.

–A sua missão é nobre, mas o que terá que entender é que as pessoas possuem o livre arbítrio para as suas escolhas e, por melhores conselhos que recebam, nem sempre andam pelo melhor caminho.

Os irmãos que ali estavam deram as mãos e fizeram uma oração em proteção ao amigo encarnado tão estimado por todos. Em seguida se retiraram para os seus inúmeros afazeres do bem.

João Baiano cresceu com a simplicidade de todas as crianças de Salvador. As brincadeiras, sonhos e expectativas povoavam a imaginação daqueles jovens espíritos encarnados. Muitos sonhavam em ser doutores e gozar de tudo o que a vida poderia oferecer de melhor.

Com o olhar simples e puro das crianças, não compreendiam as diferenças sociais em curso e, muito menos, a discriminação racial e de classe. Eles olhavam o exibicionismo dos doutores portugueses e brasileiros e se imaginavam como iguais no futuro. Dentro do universo de uma criança, tudo é possível, pois depende apenas do bem-querer e da iniciativa de fazer.

Em alguns casos, em meio a gargalhadas inocentes, imitavam as formas de andar e o olhar soberbo destes personagens, sem entenderem ainda o seu motivo de ser. Foi assim que, na simplicidade de uma criança, João Baiano caçoou dos soberbos transeuntes.

– Olhem só aquele rapaz. Ele anda igual a um peru. Porque será que ele anda assim? Por que não anda diferente como todas as outras pessoas? Vejam que olhar estranho ele nos dá. Parece não gostar de nós. Vamos imitá-lo?

É todas as crianças começavam a imitar em uma fila improvisada o jeito de andar e olhar do rapaz. Em sua simplicidade infantil, aquelas crianças entendiam todos os seres humanos como iguais e não concebiam a existência do racismo, discriminação e da intolerância. Os seus pais os proviam daquilo que precisavam e, para serem felizes, não era necessário a abundância material.

Elas aceitavam o que tinham e eram felizes dentro das suas limitações. No universo imaginativo de uma criança, em alguns casos, a caixa é mais importante do que o brinquedo, independente do custo monetário de cada um. Tudo depende da significação e imaginação daquele que brinca.

João Baiano carregava consigo uma rica herança espiritual oriunda de inúmeros processos de provas e expiações por ele vividos e vencidos. As suas encarnações passadas o proveram de muitas dificuldades que por ele foram superadas, oferecendo aprendizados que o fizeram crescer e evoluir.

Como dissemos, a sua missão no plano material era ser o transmissor de mensagens de amor e paz, proporcionando, de forma simples e segura, a esperança para aqueles que estavam em sua volta. Apesar de não ser provido de escolarização formal, João Baiano era um espírito que tivera oportunidades de estudo e aprendizagem em vidas pretéritas.

A sua experiência como integrante da corrente dos baianos permitiu que ele tivesse informações sobre as coisas da vida. O conhecimento sobre diferentes situações lhe possibilitava ter sempre as palavras e arguições coerentes a dizer para os outros. Era algo que surgia de forma

espontânea com um poder implacável de ajudar e orientar as pessoas.

O Resgate

O seu melhor amigo se chamava Sebastião, cuja família também era de escravos recém-libertos e a mesma origem étnica. Os seus pais tinham profissões similares e as suas formas de vida eram semelhantes o que ajudava em muito em sua compreensão mútua.

Os dois eram inseparáveis comportando-se de forma similar a irmãos carnais. João Baiano era como o irmão mais velho de Sebastião. Ele o protegia dos moleques nas brigas de rua e era o seu conselheiro para todas as situações da vida.

A relação entre ambos era longa e carregava uma dívida de João Baiano com relação a Sebastião que o levava a encarnar sem mesmo precisar. Isto era algo que estava embutido em suas lembranças e afetara o senso de lealdade que era próprio do seu espírito.

Há centenas de anos, eles encarnaram como irmãos carnais junto ao povo Celta no período da dominação roma-

na. Eles viveram ao que se denomina hoje como a Irlanda por volta do século VI a.C.

Os celtas eram guerreiros fortes e tinham estatura maior e eram fisicamente mais avantajados dos que os gregos. As suas peles eram brancas, os seus cabelos longos louros, chegando, em alguns casos, até a fazer tranças. Os seus olhos eram claros e era comum os homens usarem bigodes. Os chefes de tribo e os druidas tinham grandes cavanhaques, o que os diferenciavam dos demais.

A estatura média deste povo era em torno de 1,75 metro, sendo eles muito mais altos do que os romanos e os gregos. Por isso, por ocasião da dominação romana, muitos deles foram escravizados e usados como gladiadores, sendo entendidos como feras bárbaras.

As túnicas eram as roupas principais utilizadas pelos homens e as mulheres. Os primeiros as usavam até a altura dos joelhos e, as segundas, até os tornozelos. Elas eram presas por um cinto na cintura e, em alguns casos, também

por uma capa feita de lã. Soma-se a isso o uso de sandálias e sapatos.

Entre os Celtas, cada família era responsável pela vida, conduta e segurança dos seus membros. Caso algum membro cometesse uma falta, crime, ou mesmo desfeita para com a comunidade, caberia a ela tomar as medidas punitivas, como forma de recuperar a sua honra.

As famílias eram patriarcais, sendo o seu chefe responsável por sua honra perante a comunidade. Todas tinham o seu papel perante a comunidade, sejam como agricultores, soldados, pastores, entre outras.

A maioria das casas eram feitas de madeira e em formato ovoide e o telhado era revestido de pele de animais ou mesmo húmus ou terra para preservar o calor durante o inverno. Algumas tinham um buraco no chão para armazenar alimentos e cereais.

João Baiano, cujo nome era Arthur, tinha sede por estudar e adquirir novos conhecimentos. Com isso, objetivava

adentrar à ordem Druida, formada por sacerdotes, curandeiros e sábios com dons especiais que chegavam a ser conselheiros de reis das tribos.

Já Sebastião, com o nome de Bryan, queria uma vida expressa pelos princípios da guerra e da glória. Ele não se interessava por novos conhecimentos e descobertas. O seu comportamento era difícil e ele tinha dificuldade em lidar com os fatos da vida quando era contrariado.

Apesar das diferenças de comportamento e olhar para o mundo, ambos eram inseparáveis. Arthur sabia ouvi-lo e não dava muita atenção para as birras de Bryan. O tempo passou e os sonhos trataram de os separar.

Em virtude dos costumes dos Celtas, eles seriam separados a partir de suas próprias aspirações. Os filhos dos Celtas eram enviados para famílias adotivas ou organizações para que estes adquirissem aprendizagens para o futuro desempenho do seu papel social.

As mulheres, eram enviadas para outras famílias como forma de obterem aprendizados e obediência, só voltando às suas famílias quando atingiam 14 anos de idade para se casarem. Os homens só retornavam aos lares quando chegavam aos 17 anos de vida. Esta idade era entendida como similar à maioria pela maior parte dos povos celtas que residiam na Irlanda.

Bryan entendia que Arthur deveria compartilhar dos seus sonhos para o futuro. Quando o segundo anunciou que desejava seguir os princípios dos druidas, o primeiro se revoltou, achando que o irmão o estava abandonando. Ele queria que o irmão seguisse os seus sonhos de se preparar para ser um membro pertencente à classe dos guerreiros Celtas no futuro.

Ele sabia que o caminho adotado por Arthur os separaria em definitivo, pois iriam para lugares diferentes e seguiriam caminhos distintos. A vida de um druida era totalmente diferente da de um guerreiro.

Arthur não ouviu as reclamações e chantagem do seu irmão e, com apoio dos seus pais, partiu para os estudos junto à ordem Druida.

Os druidas eram uma importante ordem ligada a questões religiosas e de tradição política e religiosa. A palavra druida significa “sábio carvalho”, local sagrado denominado como Bosque dos Carpetos, onde eles se reuniam. Todos os seus conhecimentos eram passados de forma oral e nada era escrito sobre os seus ensinamentos.

A ordem era composta por homens e mulheres, sendo entendidos como magos e magas em virtude de seus aprendizados e práticas com a magia. Atuavam também como professores, juízes, filósofos, poetas, curandeiros e conselheiros e, em alguns casos, como profetas e videntes. Eles possuíam conhecimentos botânicos e medicinais e, em alguns casos, alquímicos. Dominavam princípios da astronomia e da astrologia.

Os druidas geralmente se vestiam de branco e usavam uma adaga ou foice de ouro presa na cintura. A crença na imortalidade da alma e no animismo era essencial em suas crenças religiosas. Eles entendiam que os seres humanos poderiam reencarnar no corpo de outros humanos ou mesmo, dependendo do seu nível espiritual, no corpo de animais.

Os locais de ensino e aprendizagem oral dos seus ensinamentos eram sagrados e secretos, escondidos aos demais olhos humanos que não pertencessem à ordem, podendo os aprendizes ficarem até mais de 20 anos estudando para adquirir conhecimentos que os tornassem druidas. A média de idade de um druida mais novo era de acima de 40 anos.

Foi assim que Arthur ficou longe de sua família por décadas em estudo e aprendizagem. Quando finalmente foi iniciado, retornou para visitar a sua família e anunciar que partiria para terras distantes. Tão logo chegou, foi informado que seu irmão morrera anos atrás.

Ele se tornara um guerreiro e participou no campo de batalha em uma das guerras tribais celtas, sendo duramente ferido em batalha. Ele foi encaminhado para a sua família, que não conseguiu cuidar dele. Mesmo com a ação dos curandeiros da tribo, a sua situação piorou e ele não resistiu aos ferimentos.

Arthur se sentiu culpado por não estar perto do irmão quando do seu desencarne, interiorizando que não estava próximo dele quando mais precisou. Por mais que seus pais dissessem que nada poderia ser feito para salvar seu irmão, ele carregou a culpa consigo, esperando a oportunidade de repará-la, amparando seu irmão em momento propício.

Os dois passaram várias encarnações sem se encontrarem e a oportunidade apareceu no século XVIII. Arthur (João Baiano) prometeu estar ao lado de Bryan (Sebastião) em todos os momentos de sua vida, como forma de reparar a sua ausência no passado.

A amizade entre ambos floresceu em virtude desta herança de um passado longínquo.

Os Sonhos Inocentes

*A*s suas vidas eram simples e repletas de significados. Em virtude de suas limitadas condições econômicas de vida, se vinculavam de forma muito próxima às condições naturais propostas pela natureza, deliciando-se com suas maravilhas, mistérios e possibilidades imaginativas.

As lindas noites baianas mexiam com a imaginação daqueles simples meninos. A beleza reluzente do universo apresentava um cenário de possibilidades que engrandeciam a sua existência. Eles deitavam à noite para contemplar as estrelas e a lua e conversavam entre si. Foi assim que João Baiano disse:

– Olhe que maravilha Sebastião! Veja como é lindo o universo! As estrelas e a lua brilhando e o sol aquecendo o dia! Um perfeito equilíbrio da criação! Veja quantas estrelas

existem no céu! Que coisa mais linda! Tenho vontade de contemplar esta beleza por toda a noite!

– Será que existem pessoas que moram na lua e nas estrelas? Imagino a grandeza do universo e todos os seus mistérios. Como somos pequenos perante ela. Quando vejo esta beleza, imagino a grandeza de Deus e dos Orixás.

Os irmãos da corrente dos baianos observavam comovidos as reflexões de João Baiano. Quanta sensibilidade descrita em palavras tão simples e comoventes. Em meio ao olhar amoroso da espiritualidade, João continuou a sua exposição:

– Como eu gostaria de conhecer as pessoas que moram nas estrelas. Gostaria de estar junto a Xangô. Eles devem ser muito legais. Sinto que um dia estarei junto deles. Acho que a vida é muito maior do que imaginamos e estamos ainda engatinhando sobre as formas de conhecê-la.

Sebastião olhou atentamente a exposição de João Baiano. Aquelas lindas palavras repletas de mistério e

curiosidade mexeram com a sua imaginação. O mundo se apresentava como um palco de possibilidades que mexia com a sua subjetividade infantil. Motivado por toda a inquietação proposta por João Baiano respondeu:

– Eu não sei João. Mas, se existirem, devem ser muito bonitas e inteligentes. Não consigo imaginar como seriam. Talvez, uma beleza que esteja além do nosso alcance de compreensão.

– Mas, eu só quero conhecê-los se eles vierem aqui brincar conosco. Eu não quero ir a nenhum lugar que não seja aqui. Nós brincamos aqui juntos e não em outro lugar. Acho que não tenho a coragem de Xangô.

– Imagine se nos levem para as estrelas e nos percamos. O que vamos falar para os nossos pais? E se eu me perder de você. Ficarei desesperado. Eu só brinco se for aqui.

Sebastião parou, pensou e continuou:

– João Baiano, será que eles nos enxergam aqui? Vamos abanar as mãos para eles e gritar? Você topa? Quem sabe eles nos enxergam lá da lua ou das estrelas. Vamos tentar e gritar o mais alto possível.

E os dois abanaram as mãos dentro da imaginação e inquietude das crianças, esperando serem correspondidos. Gritaram e pularam sem parar dizendo:

– Ei! Ei! Olhem para nós! Estamos aqui! Cadê vocês? Oi! Olá! Ei! Venham aqui! Venham brincar conosco! Estamos te esperando!

A esperança de serem correspondidos ecoou naqueles inocentes corações, mesmo sem serem entendidos por todas as outras crianças que brincavam na rua. Aquilo era algo que tinha significado apenas para os dois amigos e não para os outros.

Os irmãos da corrente dos baianos que ali estavam começaram a abanar as suas mãos, se divertindo com a brincadeira das crianças. Um forte abraço espiritual foi dado

em ambos e novamente se retiram felizes com a inocência e imaginação dos meninos.

Em outros momentos contemplavam o sol e o mar. Imaginavam o mundo das sereias e dos seres sobrenaturais. Tudo aquilo que não era compreendido, era ressignificado como sobrenatural, como forma de dar sentido ao mundo em que viviam. O medo do desconhecido despertou a curiosidade daquelas crianças. Sebastião disse:

– João Baiano, será que existem monstros no mar? Ouvi dizer que eles engolem navios inteiros. As pessoas navegam e de repente o mar acaba e eles caem em um precipício dentro da boca de monstros marinhos. Imagine se uma sereia vier aqui nos pegar. O que vamos fazer?

João Baiano na sua simplicidade respondeu:

– Saímos correndo e tampamos o ouvido, assim ela não pode nos encantar. Ela não tem pernas e não conseguirá correr mais do que nós. Dizem que quando as sereias saem da água, demora um tempo para a cauda se transformar em

pernas. Neste tempo, já estaremos longe. Caso não dê certo, chamamos os nossos pais e eles a colocam para correr.

– A mesma coisa com os monstros do mar. Caso apareçam, jogamos pedras neles e corremos. Aí mostramos que não temos medo. Nós dois juntos superamos qualquer situação difícil e não devemos ter medo de nada.

A afirmação positiva de João Baiano fortaleceu os pensamentos de Sebastião. Ele se sentiu seguro com o amigo que sempre tinha uma atitude positiva para com o mundo e as dificuldades da vida. Apesar disso, Sebastião não perdeu a oportunidade de colocar o amigo em teste, sempre esperando uma resposta positiva das suas indagações. Foi assim que Sebastião perguntou em tom de chacota:

– Não sei não, João. Não senti firmeza em você. Pergunto-te, e se a sereia se apaixonar por você? Vai sair correndo? E se ela for linda e quiser te namorar? Imagina só. Ela com a pele e os olhos negros. A parte de baixo da roupa azul e da cima rosa e cabelos pretos encaracolados como os

nossos. Uma voz maravilhosa e um corpo lindo combinando com a longa cauda.

– Ela se aproxima de você e te implora para ser o rei do reino dela. O que você vai fazer? Vai correr ou se render ao amor?

João Baiano solta a imaginação e, por momentos, se imagina nesta situação. O seu rosto fica vermelho e ele baixa os olhos envergonhado. Sebastião percebe e brinca.

– O João Baiano está apaixonado! O João Baiano está apaixonado!

Ao ver o riso inocente de Sebastião, João Baiano responde:

– Eu não estou apaixonado, Sebastião! Para de inventar estas coisas. Caso contrário, quando encontrar um monstrinho do mar, vou dizer que você quer namorá-la.

Sebastião responde:

– *Eu nunca ouvi falar de monstros do mar. Isso é invenção sua. Porém, para ter certeza, te peço que não faça isso. Só o nome monstros indica que elas são muito feias e, imagino que, não possuem reino algum!*

João continua:

– *Não tenha medo. É só brincadeira. Caso apareça algum monstro, eu a coloco para correr, assim elas não nos acham. Eu não deixo chegar perto de você.*

– *Caso elas venham nesta praia, nunca mais voltamos aqui. Imagine se uma sereia me pega e me obriga a casar com ela. Os meus filhos vão ter cara de peixe e eu vou ficar com a pele toda enrugada de tanto ficar dentro da água.*

Os amigos se abraçaram com toda a sinceridade infantil. João Baiano exercia perante Sebastião o papel do irmão mais velho protetor. Ele sabia que esta fala o deixava seguro, por isso afirmava com tanta certeza todas estas questões.

E ambos riam de forma descontrolada, deixando exaurir a imaginação inerente a toda criança e as aventuras a ela ligadas. Eles se imaginavam, como qualquer criança, como o centro das atenções de todos os eventos que ocorriam a sua volta.

O tempo foi passando e os seus sonhos mudaram. Agora, em vez de aventureiros de areia da praia e sonhadores de mundos noturnos, ambos se viam como advogados no futuro, ajudando aqueles que buscavam a justiça.

As injustiças, que passavam despercebidas em sua infância, começavam a fazer sentido em suas vidas, os chamando, mesmo que de forma inicial, para agir diante delas.

A profissão de advogado era muito respeitada em Salvador, constituindo-se como um dos pilares para o sucesso e combate às injustiças sociais. Na sua pureza infantil, acreditam que o exercício de uma profissão se consolidava entre os limites da vontade e do querer, desconhecendo as dificulda-

des sociais e econômicas que impediam as crianças pobres de estudar.

Presos a esta lógica de interpretação do mundo, desconheciam que habitavam um universo de analfabetos e que o acesso ao ensino superior lhes seria negado pelas próprias condições de vida. A ideia de uma educação laica e acessível para todos era um objetivo ainda distante de se concretizar.

João Baiano, no teor de sua inocência, diz:

– Nós seremos bons advogados no futuro, Sebastião. Teremos uma bela casa, uma linda esposa e muitos filhos. Nós moraremos no centro de Salvador e usaremos lindos ternos e sapatos. Lutaremos pelos pobres como nós, ajudando a construir e cumprir as leis que os ajudem a viverem melhor.

Sebastião, em concordância com João Baiano, diz:

– É verdade João. Nós vamos estudar e ser alguém na vida. Ajudaremos nossas famílias e amigos. Nós seremos

os melhores advogados de Salvador e todos saberão os nossos nomes.

– Imagine quando aprendermos a ler e escrever. Que maravilha. Teremos acesso a todo o conhecimento do mundo. O que espero é contribuir para que todas as pessoas sejam livres e felizes.

– Onde formos seremos respeitados. Sonho com um mundo em que não existam mais escravos e todas as pessoas sejam livres.

João Baiano respondeu:

– Você tem toda a razão. Faremos leis para isso. Como advogados, ajudaremos e libertaremos as pessoas. Eu não entendo como uns podem escravizar outros. Pelo que ouvi dizer na praça, muitos escravos são mortos e trabalham até o final da vida sem qualquer remuneração ou direito social.

– O meu pai me disse que a vida de escravo é terrível e que foi muita sorte ter recebido a alforria junto com a minha mãe. Muitos escravos são vistos com menor importância do que os próprios animais.

– O meu pai me falou que uma guaruba vale mais do que três escravos. Imagine, uma ararajuba valer mais do que três seres humanos.

João Baiano sonhava com a justiça e a caridade. A profissão de advogado, os autodenominados doutores da lei, incumbia um sentido a sua vida. Ele imaginava uma sociedade à qual todos fossem felizes e prosperassem na vida, onde não existisse a escravidão e a exploração e todos se respeitassem de forma mútua.

A vida tratou de lhes mostrar que seus caminhos futuros eram muito diferentes dos seus sonhos infantis e que nem sempre controlamos o futuro que nos espera.

O Conflito

*J*oão Baiano tornara-se um homem forte e vigoroso. Apesar da limitada condição de existência imposta aos filhos dos escravos recém-libertos, se vestia com beleza e simplicidade. Ele usava botas de couro envelhecido. A calça era de tom azul e o cinto de cor preta.

A camisa tinha tom bordô envelhecida. Sempre quando podia, especialmente em ocasiões especiais, usava uma capa de couro sobre a camisa. O chapéu de couro de cangaceiro acompanhava o seu dia a dia. Ele não tinha barba e os seus cabelos eram pretos. A marca do acidente na infância permaneceu, visto que ele ainda mancava pela perna que fraturara. Ele seguiu a profissão do seu pai, mantendo a herança artística dos Iorubás manifestada no trabalho como escultores.

Sebastião era alto, preto e forte. Ele optou pela carreira militar, sendo um soldado de baixa patente junto à

guarda imperial. Ele percebeu a diferença de tratamento ministrada aos soldados brancos em relação aos pretos e isso o revoltou. A sua farda era surrada e os seus olhos traduziam a fúria do inconformismo com sua situação. Ele era um homem que se sentia injustiçado perante a vida. A sua personalidade era marcante e a revolta era a marca de sua conduta. Aquela criança cheia de sonhos e esperança desaparecera. O que residia em seu coração era a mágoa de não ser quem esperava.

O tempo passou e os sonhos infantis daqueles amigos se foram. João Baiano percebeu que a possibilidade de estudar para um adulto ainda analfabeto, filho de uma família pobre composta por escravos recém-libertos, era inexistente. Por isso, tratou de fazer melhor o que aprendera com o pai como forma de sobrevivência. Sebastião, por sua vez, acabou por se frustrar com a sua vida.

Apesar da existência de instituições de ensino superior na cidade, tal qual o curso de formação de

engenheiros militares que funcionava no Forte São Pedro e os cursos oferecidos pelos jesuítas, os pobres e os pretos eram excluídos e ainda permaneciam analfabetos e distantes de qualquer possibilidade de acesso aos estudos. O acesso aos estudos era restrito aos filhos das classes favorecidas.

A serenidade de João Baiano quanto aos limites da vida era possível dado aos inúmeros processos encarnatórios e as lições por ele aprendidas. Por sua vez, Sebastião estava em um processo vibratório e de desenvolvimento espiritual distinto. Ele não tinha a maturidade de João Baiano e sua compreensão sobre as dificuldades da vida o afetavam de forma avassaladora.

João Baiano e Sebastião estavam com 22 anos de idade e a efervescência juvenil encontrou o Brasil fomentado por severos conflitos sociais, revoltas, insatisfações e propostas de mudanças.

O século XVIII foi emblemático para o estado da Bahia. Salvador era uma grande capital no período em

questão. O porto marítimo escoava a produção e fomentava o comércio. A sua atividade produtiva era movimentada pela força de trabalho escrava, sendo a sua produção movida pelo açúcar, algodão, couro, entre outros produtos.

A sua estrutura era peculiar, com a existência de casas bem estruturadas, especialmente as daquelas pessoas com melhor condição econômica. As ruas da cidade eram irregulares e, em seu interior, existiam longas escadarias. No centro da cidade, as casas eram construídas de pedras com inspiração arquitetônica espanhola e portuguesa. Existiam 130 igrejas e 186 conventos, cuja arquitetura era similar à europeia.

Salvador era a segunda maior cidade do Império, perdendo apenas para Lisboa, em Portugal. A sua preponderância era tal que, em meados dos anos de 1720, ela tinha quase o dobro de tamanho das principais cidades coloniais britânicas na América do Norte.

A Chapada Diamantina começou a fomentar a exploração do ouro e os conflitos com Portugal aumentaram. Visando concentrar a exploração de metais preciosos no estado de Minas Gerais, a Coroa Portuguesa ordenou o fechamento das minas existentes na Bahia, causando grande descontentamento entre as elites locais.

O estado da Bahia refletiu um processo de profundo descontentamento que se desdobrava pelo país. A população baiana no período, composta em sua maioria por negros, escravos, ex-escravos, mestiços e brancos pobres desprovidos de profissões de relevância social, tinha pouco mais de 65 mil habitantes.

Os brancos e pretos recém-libertos pobres exerciam profissão de alfaiates, soldados de baixas patentes, artesãos, carregadores, pescadores, sapateiros, pedreiros e vendedores ambulantes. Nesta parcela da população ocorria um grande descontentamento com as políticas portuguesas que

fomentavam a desigualdade social. A revolta e ódio cresciam de forma incontrolável.

Um profundo processo de reestruturação político-econômico estava em curso no Brasil. A região Nordeste era o principal polo econômico do país dada a centralidade da produção do açúcar. Contudo, de forma gradativa, a exploração dos metais preciosos tomou maior importância do que a produção do açúcar.

No ano de 1763, a abundância de ouro e diamantes na região sudeste influenciou Portugal a transferir a capital de Salvador para o Rio de Janeiro redefinindo o cenário de influências políticas no Brasil. Esta mudança agravou as condições sociais já degradadas existentes na Bahia. A miséria e as desigualdades sociais cresceram no estado.

As inspirações oriundas da Revolução Francesa influenciaram parcelas descontentes da sociedade, atingindo frações de diferentes classes. A possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e com princípios democráticos se

chocou com o cenário cruel da lógica escravagista. Os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade, as lutas pela independência e as notícias referentes à Revolução Americana em 1776, influenciou as aspirações de liberdade baiana.

Esta conjuntura internacional somada à chegada de notícias sobre o início da Revolução no Haiti liderada por Toussaint Louverture, filho de escravos domésticos, contra os colonizadores franceses em 1791, insuflou os ânimos revolucionários na Bahia.

As notícias chegavam ao sabor dos ventos e as ideias eram difundidas centradas na possibilidade concreta de mudanças sociais. Estudiosos tinham acesso aos textos filosóficos franceses que inspiraram o Iluminismo, merecendo destaque Jean-Jacques Rousseau e Voltaire.

Eles atuavam no intuito de promover debates abertos sobre os principais objetivos das obras destes autores. O salão onde ocorriam os debates era composto por farta mobília e bancos de madeira envernizadas onde se sentavam

todos os participantes. Estes bancos eram divididos em duas partes, sendo que uma em frente da outra, tendo um corredor que os dividia.

As paredes possuíam alegorias próprias e o chão com piso que imitava um tablado de um jogo de xadrez, significando o respeito pela igualdade nas diferenças. O teto imitava o céu celeste e as estrelas. Na entrada existiam duas colunas com as letras B e J, construídas com arquitetura similar à grega. Ao alto, estavam os símbolos do zodíaco e uma corda com vários nós que se abria perante a entrada, dando a impressão que o local os recebia de braços abertos em nome da união e da fraternidade.

Os assuntos eram previamente agendados e se buscava convidar todos os interessados sobre o assunto que seria discutido, independente do seu círculo social. O processo de insatisfação que estava em curso atraía temas para discussão como liberdade, negação ao autoritarismo e liberalismo europeu. Os palestrantes se fundamentavam em

princípios filosóficos oriundos da Revolução Francesa e do Iluminismo que estavam em discussão no período.

Em um período ao qual a liberdade se contrapunha aos princípios autoritários inerentes ao governo do estado da Bahia vinculados aos interesses de Portugal, Rousseau e Voltaire se apresentavam como grandes interlocutores e fonte de inspiração.

A ausência da liberdade criativa e inventiva encontravam nestes filósofos as respostas sobre como deveria ser uma sociedade desprovida da opressão imposta pelo colonialismo português aos brasileiros.

Foi assim que em acalorado debate, nos círculos de estudos, André, um estudioso da filosofia discursou:

– Vivemos em um período de barbárie social. Estamos sendo massacrados por aqueles que nos oprimem. Devemos pensar no nosso futuro e repudiar aqueles que nos oprimem e querem o nosso mal.

– Como diz Rousseau! As sociedades, da forma como estão, reduzem a liberdade e soberania individual presentes em sua condição natural. Nós só atingiremos a plenitude de nossa felicidade quando conseguirmos realizar todas as nossas vontades, independentemente de sua constituição.

Os gritos de saudação e aceitação explodiram na plateia e todos começaram a gritar:

– Liberdade, liberdade, liberdade! Morte a Portugal!
Morte aos colonizadores! Viva a liberdade da Bahia!

André ouviu em silêncio as manifestações e continuou:

– Voltaire diz que os seres humanos deveriam ser livres e ter uma vida criativa, desvinculadas da interferência moral e religiosa. A liberdade de expressão é o grande desafio para o avanço da humanidade.

– Observem meus amigos. Nós temos que nos reunir em segredo. Não podemos emitir nossas opiniões, pois somos

punidos. O Brasil vive uma situação de total subordinação a Portugal que nos estrofia de nossas próprias riquezas e nos condena à miséria.

Uma nova salva de palmas é dada por todos os presentes. Carlos pede a palavra para André e continua:

– Meus amigos, Rousseau afirma que não nascemos mal, mas sim que a sociedade visa nos corromper. É isso que Portugal faz conosco, nos corrompe da pior forma possível, impondo a escravidão e nos condenando à miséria.

Novos aplausos são concedidos e André continua:

– Rousseau nos ensina que todos os homens devem ser iguais, sendo este ponto essencial para a existência de qualquer sociedade mais avançada. O que nós vemos na Bahia é exatamente o contrário.

– Todos os seres humanos deveriam ser tratados de forma igualitária e justa e isto está longe de acontecer aqui.

– Fizemos a tradução recente de um livro de Rousseau denominado “Discurso sobre a Origem das Desigualdades”.

– Ela diz que o elemento fundamental do fim da liberdade humana, ou seja, o egoísmo entre os homens, é a causa do rompimento da humanidade com o mundo natural.

– É isso que fazem conosco, nos embrutecem e exploram. Nós estamos sendo animalizados por este sistema. Fora Portugal! Fora opressor! E viva a liberdade da Bahia!

E todos ali presentes começaram a gritar de forma ostensiva:

– Fora opressor! Fora Portugal! Viva e liberdade da Bahia! Fora opressor! Fora Portugal! Viva a liberdade da Bahia!

Após as aclamações, André pede novamente a palavra e continua o discurso junto à plateia.

– Nós estamos ilhados e impossibilitados de agir por nossa vontade e interesse do nosso estado. Voltaire entende que o livre comércio é condição essencial para a autodeterminação de um povo, e estamos impedidos de realizá-lo.

– O absolutismo que vivemos nos sufoca e impede de crescermos. Devemos rever o papel da Igreja como legitimadora dos interesses da monarquia. Precisamos de um governo que atenda aos interesses do povo e não apenas os de Portugal.

Uma nova salva de palmas é oferecida ao palestrante. André continua:

– Rousseau, lido pelos maiores filósofos da Europa, nos ensina o sentido da liberdade e como estamos distantes dela quando trazidas à realidade baiana. Nós estamos distantes de ser o que deveríamos ser. Estamos afastados de nossa existência natural e dos princípios mais avançados que é a nossa relação com a natureza.

– Nós devemos questionar tudo e todos. Rousseau, em um livro denominado como “Discurso sobre as Ciências e as Artes” afirma que tanto a ciência como as artes corromperam a moralidade humana, pois elas não são livres.

– A construção e instauração da soberania popular é a saída para esta situação. Devemos ser soberanos, pois do contrário, morreremos sem saber que estamos vivos. Gritem, se revoltem.

– Olhem o que diz Rousseau. Povos livres, lembrai-vos desta máxima: a liberdade pode ser conquistada, mas nunca recuperada. O homem nasceu livre e por toda a parte vive acorrentado.

– Todos os homens são úteis à humanidade pelo simples fato de existirem. A caridade fingida do rico não é nele senão um luxo a mais: ele dá de comer aos pobres, como aos cachorros e aos cavalos.

André continua dizendo:

– Para Voltaire, se o homem nasceu livre, deve governar-se; se ele tem tiranos, deve destroná-los. A única diferença entre um tigre e um ser humano é que o primeiro mata e esfacla por fome e instinto, enquanto que o segundo mata por parágrafos.

– Todos os homens são iguais. A diferença entre eles não está no seu nascimento, senão na sua virtude. O país onde o comércio é mais livre será sempre o mais rico e próspero, guardadas as proporções.

Em meio aos gritos e aplausos de toda a plateia, Carlos pede novamente a palavra e continua:

– Nós devemos lutar pela abolição da escravidão no Brasil. A fundação de uma República Democrática. A eliminação do preconceito racial e dignidade na sociedade baiana. O aumento do soldo das tropas militares baianas. A emancipação política de Portugal e a liberdade de comércio com outros países.

E em grito de guerra, sendo acompanhado por todos os presentes, afirmou:

– Viva a liberdade da Bahia! Viva a liberdade da Bahia! Viva a liberdade da Bahia!

O Embate

Um conjunto de estratégias foi traçado para a divulgação das ideias revolucionárias para a população. Dado o elevado índice de habitantes baianos serem analfabetos, as lideranças utilizavam os pasquins, compostos, neste caso, principalmente, por imagens para difundir as suas ideias.

A imagem deveria falar por si só. O objetivo era utilizar a linguagem visual de mobilização e crítica à política atual. Os pasquins foram fixados por adeptos do movimento em locais públicos, especialmente nos muros de igrejas, para que atingissem o maior número de pessoas.

Entre os seus principais dizeres estavam: Animaí-vos povo baiano que está para chegar o tempo feliz da nossa Liberdade: o tempo em que todos seremos irmãos, o tempo em que todos seremos iguais.

Sebastião viu estes pasquins e por eles tomou conhecimento da rebelião que se anunciava. Igual a ele, muitos analfabetos e ex-escravos tiveram acesso ao conteúdo. A notícia se espalhou entre os soldados pretos e pardos discriminados na carreira militar, tendo menos oportunidades e soldos mais baixos dos que os brancos. Estas ideias chegaram às fazendas, alimentando o sonho de liberdade de muitos dos escravos.

Estas reivindicações surgiram como respostas a Sebastião de todas as amarguras que sofria na vida. Apesar de analfabeto, o acesso às imagens dos pasquins permitia a interpretação dos não letrados da situação política da Bahia. Ele encontrara um objetivo de se vingar daqueles que haviam suprimido os seus sonhos e o discriminavam por ser preto e pobre.

Ao mesmo tempo, os pasquins que carregavam as ideias dos revolucionários eram lidos em voz alta em praça pública para que os analfabetos tivessem acesso ao seu teor. Os

analfabetos interpretavam as imagens e os revolucionários traduziam as partes escritas aos habitantes. Ao menor sinal de perigo, desapareciam se confundindo com a população.

A insuflação dos princípios revolucionários acompanhados pelo ódio aos opressores despertou em Sebastião os seus piores pensamentos. As frustrações existentes até então em sua vida encontrou respostas objetivas nos princípios revolucionários apresentados pelos revoltosos. O seu coração se acelerou por sede de vingança, desprezando os portugueses e todos aqueles que defendiam suas ideias.

Foi assim que em conversa com João Baiano, expôs os seus motivos e aspirações. Sobre os olhares preocupados dos irmãos da corrente dos baianos, que sabiam que chegara o período mais difícil da encarnação de João Baiano, Sebastião disse:

– João Baiano, você está acompanhando o que está acontecendo? Finalmente chegou a hora de nossa vingança. Vamos nos libertar de nossos opressores, daqueles que acham

que somos inferiores e subjugaram os nossos sonhos. Nós precisamos ir à guerra se for o caso, expulsar ou mesmo matar todos os portugueses e aqueles que com eles colaboram.

– Estou maravilhado com a leitura dos pasquins em praça pública. Finalmente se lembraram de nós. Eles estão preocupados com os desfavorecidos. Querem que todos nós sejamos iguais. Vão lutar pelo fim da escravidão e da discriminação e expulsar todos os portugueses da Bahia.

João Baiano o ouviu com a complacência de um irmão mais velho a exposição de Sebastião e comentou:

– Sebastião, eu tenho acompanhado todos os acontecimentos. Penso que devemos ter calma e sensatez com esses eventos.

– Os revoltosos estão repletos de razão. A Bahia está sendo sufocada por Portugal e isto precisa terminar. Contudo, fico preocupado quando as pessoas se deixam levar cegamente pelas emoções, pois corremos o risco de nos perdermos e não conseguir interpretar tudo o que está acontecendo.

Sebastião, cego pelo ódio e desejo de vingança, fica indignado com as considerações de João Baiano e retruca:

– Eu não acredito que você está dizendo isso! O que está acontecendo com você? Estas pessoas nos desprezaram por toda a vida. Lembre-se do andar garboso e o olhar de superioridade que nos davam quando éramos crianças. Elas tinham nojo de nós, só pelo fato de sermos pobres, pretos e pardos.

– Elas tolheram os nossos sonhos e esperanças. Nós somos vampirizados e desprezados por essas pessoas. Tudo o que deu errado em nossas vidas foi por culpa delas. Agora é o momento de nos vingarmos delas. Você não pode se acovardar. Reaja! Lute! Agora é a hora!

João Baiano ouve Sebastião e mantendo a sensatez diz:

– Eu entendo o que diz velho amigo querido. Eu não tiro a sua razão. Contudo, observe que alguns dos integran-

tes deste movimento pertencem à mesma classe daqueles que nos desprezam.

– O que tenho medo é que apenas nos usem para tomar o poder e depois sejam descartados. Pode ser que eu esteja enganado, mas corremos o risco de sermos usados por frações de classes dominantes para a tomada do poder, colocando armas na nossa mão e as retirando quando suas aspirações forem atendidas.

Sebastião houve indignado as palavras de João Baiano e novamente retruca.

– Você acha que não devemos participar de processo tão importante? Eles estão do nosso lado. Você está dando desculpas para não lutar. Todos têm uma desculpa para não fazer nada. A retórica é a arma dos covardes!

João Baiano houve as considerações de Sebastião em silêncio e demonstra novamente as suas preocupações.

– Sebastião, nós nos conhecemos desde a infância. Somos mais do que amigos. Eu lhe tenho como um irmão carnal. O que te peço é que pondere sobre tudo o que está acontecendo e tenha muito cuidado. Não mergulhe de cabeça, pois pode se arrepender depois.

– Seja prudente e veja para onde vai a luta e até onde chegam as aspirações das lideranças. Como te disse, o motivo é mais do que justo, mas o que duvido são dos integrantes da alta burguesia que o apoiam. Estariam eles interessados na melhoria das condições da nossa vida, ou apenas nos seus próprios negócios?

– Eu não tenho condições de afirmar que sim ou não agora, pois corro o risco de ser maldoso e incoerente. Eu não quero te ver machucado, preso ou morto. Infelizmente, a corda sempre estoura do lado mais fraco que é onde agora estamos. Vamos observar um pouco mais, é o que te peço.

Por mais importante que fosse o levante que se anunciava, um movimento social de larga escala e

importância incontestável que se transformou em ícone da história do Brasil influenciando a independência do país no próximo século, João Baiano falava como um irmão mais velho que se preocupava com a amigo. Ele sabia, pelas muitas experiências de vidas passadas, que nem sempre as ações impulsivas levavam às conquistas esperadas. Assim, continuou:

– Quando vier a repressão, serão os pobres, os pretos e os pardos que serão presos e enforcados para servir de exemplo e eu não quero te ver entre eles. A discriminação é algo que ainda demorará séculos para ser superada. Talvez, nem os nossos bisnetos consigam vê-la.

– Ela é uma luta que será travada por nossos descendentes. Um levante, por mais importante que seja, não a suspende de forma imediata, pois isso implica uma mudança de mentalidade e demora muito tempo para acontecer. A discriminação racial não é abolida por decreto, por mais que eles sejam importantes para este fim.

– *Você acha que rapidamente construirão escolas para que todos possam estudar? Não, Sebastião, isso não ocorrerá. Nem sempre a vontade política de alguns impera sobre uma maioria que possui formas de ver e interpretar o mundo que atendam apenas aos seus próprios interesses.*

– *Muitos entendem que dar escolas aos filhos dos pobres acaba por possibilitar a formação de pessoas que pensam por si só, constroem suas próprias ideias e concepções de mundo e não podem mais ser manipuladas. É isso não interessa a muitos que governam. Por isso, não nos deixam estudar. Infelizmente, tenho medo que alguns daqueles que pensam assim estejam entre os revoltosos.*

– *Este é o meu medo, irmão e amigo. Eu temo que você se decepcione no futuro.*

Sebastião retruca:

– *Mas, o que você me sugere fazer? Ficar apático? Jamais! A luta está no meu sangue! É agora ou nunca! Chegou a hora de dizer para que viemos!*

João Baiano responde:

– Não, Sebastião! O que peço a você é que não mergulhe de cabeça nas coisas, pois pode se machucar. Não confie em demasiado, visto que as pessoas traem quando veem seus interesses atendidos. Muitas pessoas pensam apenas em si mesmas. O que peço é que seja prudente, velho amigo. Entre devagar na luta e aí estaremos juntos em resistência.

João Baiano usou estas palavras através da intuição dos irmãos da corrente dos baianos que temiam pelo desenrolar dos eventos na Bahia. Como dissemos, em sua simplicidade, o aconselhava movido pela experiência obtida em múltiplas encarnações.

Apesar de ele não ter consciência, a sua relação com o mundo espiritual era muito forte. As leituras e experiências das vidas passadas traziam elementos para que fosse prudente na vida presente, tomando cuidado com os resultados de suas ações e seus possíveis desdobramentos.

Ele não era indiferente à situação dos povos oprimidos pela escravidão, a intolerância e o preconceito. Tinha consciência do processo que estava em jogo e sabia que Portugal e seus aliados resistiriam à perda de uma capital que era central nos seus planos coloniais. Em sua intuição, sabia que um levante desta natureza envolveria todo o Brasil e não apenas as forças em luta que estavam em Salvador.

Na prática, percebeu que mais questões estavam em jogo e o resultado poderia não ser o esperado pelos revoltosos. O seu temor estava com os desdobramentos das atitudes de Sebastião, ao qual poderia se perder movido pelo ódio que nutria o seu coração. Ele entendeu que era necessário prudência no trato com os interesses de outras pessoas. Nem sempre as palavras traduziam tudo aquilo que pensam e isso poderia ter resultados catastróficos a quem não estivesse atento.

A preocupação de João Baiano era o que as ações poderiam acarretar para o futuro de Sebastião. Por mais que suas intenções fossem legítimas e justas, ele sabia que em caso de fracasso, seriam os negros e os pobres que teriam a punição mais severa.

A mobilização cresceu e os ânimos se exaltavam em Salvador. As ruas começavam a exaurir as discussões ríspidas entre os favoráveis e os contrários à insurreição que se anunciava. As brigas, espancamentos, discussões e a quebra de relações sociais tornavam-se hegemônicos na capital baiana.

Amigos de infância perderam a amizade, famílias romperam seus laços e a intolerância desenfreada marcaram o período em questão. O embate revoltoso sobre a tomada do poder político em Salvador ganhou força e possibilidade concreta para a sua realização.

Os responsáveis pela organização da estratégia de luta revoltosa se reuniram em reunião secreta, traçando toda

a estratégia para o conflito armado. Eles transmitiram aos presentes os passos que seriam tomados para o levante que se preparava.

A surpresa seria a maior aliada para o sucesso da empreitada. O plano foi tomar o palácio do governo e estabelecer um governo provisório até a instauração de eleições diretas para os cargos de governo.

Os líderes revoltosos imaginavam que a estratégia seria mantida em total sigilo. O plano era dividir as forças de forma coordenada. Os revoltosos pretos iriam na frente e tomariam de surpresa os postos estratégicos do Palácio do Governo e do Forte Militar onde estavam os soldados fiéis a Portugal.

Os revoltosos brancos estariam na rua dando proteção aos pelotões de frente e esclarecendo a população sobre o levante e suas intenções. O dia 25 de agosto de 1798 foi marcado como a data em que o povo baiano consolidou seu grito de justiça e liberdade da tirania portuguesa.

Contudo, em meio à reunião, nem todos os que estavam presentes eram favoráveis aos encaminhamentos ali propostos. Tal qual supunha João Baiano, existiam aqueles que estavam interessados apenas em seus objetivos particulares, visando formas de tirar vantagem do evento que estava próximo a se realizar.

Um homem, cujo nome era Baltasar, em meio à esperança dos revoltosos, rapidamente se retirou da reunião indo de imediato ao Palácio do Governo Baiano. Ao chegar à porta, se aproximou dos soldados que faziam a guarda do local e disse:

– Preciso falar imediatamente com o governador. Trago notícias e informações que são substanciais à sobrevivência de todos vocês. Isto é urgente e muito grave.

O governador da Bahia, dado a natureza do assunto, o recebeu de imediato. Baltasar se aproximou dele e disse:

– O seu governo corre grave risco! Uma insurreição está em curso.

O governador respondeu:

– Do que você está falando?

Baltasar continuou:

– Existe um movimento em curso para derrubar o seu governo e tomar o poder do estado da Bahia, separando-a definitivamente de Portugal.

O governador retrucou:

– Você fala daqueles homens que ficam instigando a população através daqueles cômicos pasquins. Você só pode estar brincando.

Baltasar continua:

– Eu não estou brincando. O levante é muito maior do que o senhor imagina. Os pasquins são apenas o início das mobilizações e estão inseridos em um processo de conspiração maior.

– Os conspiradores se preparam para uma insurreição armada. Eles irão se reunir no Campo do Dique, no dia 25 de agosto, para ali coordenar o processo de tomada do seu governo. Todos vocês serão presos e mortos se não agirem rapidamente para sufocar o levante.

– Eu espero que o senhor seja generoso comigo pela informação que te trago. Eu estou salvando o seu governo e a sua vida.

O governador responde:

– Você será ricamente recompensado e suas dívidas serão todas perdoadas. A sua família será reconhecida pela gratidão de Portugal em Salvador.

Baltasar sai do palácio feliz com a notícia que o governador lhe dera, independentemente de sua ação vir a custar a vida de centenas de outros homens. Em sua concepção, o que importava era levar vantagem, independente do custo para isso. Ele imaginou que se não delatasse, outro o faria e levaria vantagem. Então, por que não ele próprio.

De imediato, o governador e o coronel responsável pela guarda militar passam a traçar a estratégia voltada a reprimir o movimento, visando exterminar os planos dos revoltosos. A ideia era liquidá-los para servirem de exemplo implacável a outros que se atrevessem a seguir o mesmo caminho no futuro. Foi assim que o coronel disse:

– Pode ficar tranquilo governador. Posicionaremos nossas tropas em locais estratégicos. Já sabemos por onde atacarão e esperaremos.

– Imagino que entre os revoltosos estão os soldados pretos que se sentem discriminados em relação aos brancos. Por isso, contaremos apenas com os soldados e oficiais brancos e leais à Coroa Portuguesa.

– Todos eles serão colocados em prontidão. Os que estão em casa serão chamados ao trabalho por motivos banais. Manteremos silêncio sobre a nossa contraofensiva. Os revoltosos serão sufocados, presos e mortos.

Os revoltosos se preparavam para o confronto imaginando que o elemento surpresa estava a seu favor. Dentre as tropas que estariam na frente de guerra, Sebastião era um dos soldados mais insuflados.

Com forte intuição dos irmãos da corrente dos baianos, João Baiano sentiu seu coração acelerar, especialmente quando tomou conhecimento da participação de Sebastião. O desespero bateu com tanta força que ele não conseguiu se segurar. Mesmo não estando entre os soldados revoltosos, rumou para o local do conflito na tentativa de salvar o seu grande amigo. Ele tinha a intuição que algo não estava certo e o plano dos revoltosos não daria o resultado que eles esperavam.

A emboscada para aprisionar os revoltosos estava preparada sem que eles imaginassem tal possibilidade. Todas as tropas estavam escondidas e posicionadas com o intuito de trucidar os invasores.

João Baiano se aproximou por outro ângulo e viu os soldados imperiais escondidos prontos para a ação. Ele, mancando, correu para junto dos revoltosos que caminhavam para o conflito e agarrou Sebastião, implorando que ele saísse dali:

– Sebastião, venha comigo! Saia daqui enquanto é possível! Os soldados imperiais estão à espera de vocês. O plano foi delatado! Venha comigo! Isto é uma armadilha e todos vocês morrerão! Venha comigo enquanto é tempo!

Sebastião, em meio ao barulho da locomoção da tropa, não conseguiu ouvir o que João Baiano lhe disse e respondeu:

– João Baiano, meu amigo querido, você veio lutar conosco. Sabia que não se acovardaria em um momento tão importante para todos nós. Hoje é o dia da nossa vitória! Vou conseguir uma arma para você.

Em meio ao abraço de agradecimento dado por Sebastião, eles olham para os lados e veem os soldados

imperiais os cercando com gritos de guerra, parecendo lobos famintos com sede de matança.

Os soldados pretos começaram a ser abatidos sem qualquer piedade ou benevolência. O desespero bateu em todos os revoltosos que foram pegos de surpresa. Eles começaram a cair um após o outro e o pavor proliferou. Quanto mais corriam, mais fácil eram alvejados. Eles estavam cercados e foram massacrados sem qualquer piedade.

João Baiano, tentando salvar Sebastião, mesmo desarmado, se colocou entre ele e os soldados imperiais. No tumulto que se deu, foi confundido como um soldado revoltoso, sendo duramente alvejado na perna que fraturara na infância.

Sebastião, em um ato de desespero, partiu de peito aberto contra os soldados do governo e foi atingido de forma violenta e vital. João Baiano, por sua vez, tentou ajudar ao amigo e foi novamente alvejado próximo ao coração.

Sebastião olhou em desespero para João Baiano ao vê-lo caído e ferido mortalmente. Em seus últimos suspiros percebeu que as lideranças intelectuais e frações de classe burguesa sequer estavam próximas ao conflito. Quem estava sendo massacrado eram os soldados pretos, pardos e pobres e líderes das classes médias que compunham o efetivo. Os seus olhos encheram-se de ódio e as últimas palavras que disse foram:

– Nós fomos traídos, João Baiano! Nós fomos traídos! Eu nunca perdooarei quem nos fez isso. Quem nos traiu há de um dia pagar! Eu descobrirei quem foi e me vingarei. Eu juro pelo que há de mais sagrado.

– Carrego comigo a dívida pela sua vida, João Baiano e quem nos traiu haverá de pagar.

João Baiano olha para o seu grande amigo e diz em um último suspiro:

– Sebastião, meu irmão e amigo querido. Perdoe-me, eu não consegui te salvar. Sempre tive o forte dever de te

proteger. Contudo, eu não consegui. Perdoe-me! Não deixe o desejo de vingança governar o seu coração. Você é melhor e maior do que isso.

– No tempo certo tudo se explicará e a luta de hoje talvez tenha um significado maior para o futuro. Eu te peço perdão, pois não consegui te proteger em toda esta situação.

O rosto de João Baiano se contorce de dores somado a uma forte tosse que anunciava o seu desencarne.

Sebastião responde:

– Eu que te peço perdão, meu grande amigo e irmão. Nós formos traídos e eu hei de me vingar por isso tudo.

João Baiano não entendeu as palavras do amigo, pois estava tão fraco e debilitado que não conseguiu emitir qualquer reação, desencarnando logo em seguida.

Sebastião desencarnou sem ter consciência de sua passagem para o plano astral. Com o ódio e o desejo de

vingança controlando o seu coração, ele afirmou para si mesmo.

– Eu hei de me vingar! Eu hei de me vingar!

As suas vibrações eram tão baixas que não permitiram que ele fosse resgatado pelas forças do bem. O seu nível vibratório o aproximou dos irmãos umbralinos que estavam ávidos a canalizar toda aquela frustração em prol dos interesses das trevas.

A repressão ao movimento se seguiu de forma implacável com prisões e mortes. Os mais pobres, os alfaiates e os comerciantes foram os que receberam as penas mais duras. Muitos já haviam sido presos e eram torturados em segredo, antes mesmo do ataque fracassado.

Um intenso processo repressivo continuou após o sufocamento do levante, com centenas de revoltosos presos, enforcados e açoitados. Os líderes alfaiates receberam a pior penalidade, sendo decapitados e suas cabeças penduradas em

praça pública para servirem como exemplo a todos os revoltosos.

Por outro lado, tal qual infelizmente previu João Baiano, sob intuição dos irmãos da corrente dos baianos, os líderes revoltosos com vínculos com as classes dominantes tiveram penas mais brandas e, a sua maior parte, foi absolvida das acusações de traição em troca do juramento de fidelidade a Portugal.

Muito ódio entre os encarnados e desencarnados resultou daquele movimento revoltoso, algo que se resolveria apenas com o tempo e a sabedoria do Criador.

João Baiano

*J*oão Baiano desencarnou e foi socorrido de imediato por seus grandes amigos espirituais da corrente dos baianos, José, Espídio, Manoel, Joaquim e Maria. Como estava combalido e inconsciente em função dos ferimentos da guerra, foi imediatamente encaminhado para o hospital espiritual que cuidou dos ferimentos do seu perispírito.

Ele esteve inconsciente por vários dias e foi tratado com todo o carinho pelos médicos e enfermeiros espirituais. Muitos amigos vinculados à corrente dos médicos se apresentaram para ajudar na recuperação de João Baiano, pois ele era muito querido por todos irmãos.

A corrente dos médicos não se constitui em uma linha ou falange da Umbanda, mas sim, como um grupo de trabalhadores que visam auxiliar na cura dos encarnados e desencarnados. Eles são médicos astrais divinos, cujo

trabalho se funda no amor e na caridade para todos os necessitados.

João Baiano possui vínculos muito estreitos com a Legião dos Médicos Orientais, especialmente com o Doutor Tanaka que é um dos médicos proeminentes desta corrente. Ele é um sábio que atua como médico no espiritual há centenas de anos. A sua experiência vem de conhecimentos antigos oriundos da cultura japonesa e da chinesa.

Ele está sempre pronto a ajudar os necessitados, através do uso de competentes procedimentos voltados à cura espiritual e material. Em virtude de sua longa passagem pelo mundo oriental, tem dificuldade no trato da língua portuguesa, isso devido à diferença fonética do mandarim e os antigos dialetos japoneses e o português.

Aqueles que com ele trabalham tem que estar atentos às suas falas e orientações. Ele se comunica com em tom baixo de voz. Em alguns casos, quando percebe que aqueles que estão a sua volta não o compreendem, utiliza o seu forte

poder de intuição e telepatia para transmitir as orientações necessárias.

A sua capacidade de cura e equilíbrio energético é notável. O Doutor Tanaka se apresenta ao trabalho em centros espíritas que trabalham com processos de desobsessão, produzindo curas e ações que equilibram os médiuns, dialogadores e irmãos desencarnados em sofrimento.

Ele trabalha sem qualquer alarde ou espetáculo. Os médiuns que o tem como companheiro de trabalho tem total compreensão de sua forma de trabalhar. Ele sempre está a postos e pronto a intervir. Basta a concentração do médium para ele se apresentar e iniciar os seus competentes trabalhos.

Diante dos olhos benevolentes do Doutor Tanaka e sua equipe, que se encarregaram pessoalmente de sua reabilitação espiritual, João Baiano despertou em paz em Aruanda.

As lembranças do momento do seu desencarne estavam presentes, bem como a preocupação com Sebastião. Os enlances dos embates da Guerra Civil à qual participou estavam presentes em suas lembranças e sensações. Assim foi que quando despertou, olhou para os lados e, de forma serena, procurou por aquelas pessoas que junto com ele haviam desencarnado no confronto.

Os quartos do hospital em que estava são amplos e arejados com um ar de uma pureza inarrável e a atmosfera se traduz em um tom azul-claro com fortes poderes curativos. Os lençóis e travesseiros são brancos e cheiram rosas do campo. Nos leitos, têm iluminações que permitem aos enfermeiros e médicos espirituais acompanharem todos os pacientes que ali estão de forma individual.

O chão é branco e límpido. No interior do hospital reina o silêncio e a tranquilidade. Todos que ali estão falam em tom baixo, tendo o cuidado absoluto para não molestar os recém-desencarnados que ali estão por diferentes motivos.

Quando João Baiano abriu os olhos, viu ao seu lado o Doutor Tanaka e os enfermeiros que dele cuidavam. Em um misto de confusão e confiança disse:

– Olá! Vocês podem me dizer que horas são agora? Onde eu estou? Ainda me sinto um pouco confuso.

O Doutor Tanaka respondeu se esforçando para ser compreendido em língua portuguesa:

– Você está em um quarto de um dos hospitais espirituais de Aruanda. Você consegue me entender falando assim? Sabemos que pelo seu grau de desenvolvimento, tem consciência que já não mais habita o mundo material.

João Baiano respondeu:

– Eu tenho vaga lembrança de te conhecer há muito tempo. O senhor é o Doutor Tanaka?

O médico responde balançando a cabeça em sinal positivo.

João Baiano diz:

– *As lembranças do senhor começam a voltar vagarosamente em minha mente. Eu me lembro que tinha alguma dificuldade em pronunciar palavras em língua portuguesa e pelo visto continua.*

Os dois riem animadamente da colocação de João Baiano e ele continua.

– *Eu lembro quando perdi os sentidos em meio à ofensiva dos soldados imperiais. Estava muito preocupado com meu amigo Sebastião.*

– *Eu fui atingido na perna e senti como se a tivesse perdido por amputação. Mesmo mancando tentei salvá-lo. Foi aí que fui alvejado pela segunda vez. Lembro-me de Sebastião me dizer algo que não ouvi, minha vista escureceu e agora estou aqui.*

Doutor Tanaka sorrindo disse:

– *Você foi resgatado em meio ao conflito. Nós o desacordamos para que não sofresse com as dores que lhe*

foram impostas. Caso tivesse sobrevivido, com a força com que sua perna foi atingida, você fatalmente a perderia.

– Teremos que fazer um grande trabalho de restauração do seu perispírito para que ele se recomponha e você não carregue os ferimentos que recebeu em nosso plano espiritual.

– Acredito que, durante algum tempo, você continue a mancar desta perna mesmo estando desencarnado. Contudo, a recuperação perispiritual está muito boa e em breve tudo estará sanado.

João Baiano perguntou:

– Onde estão as pessoas que desencarnaram junto comigo? O Sebastião também desencarnou? Onde ele está?

O Doutor Tanaka respondeu:

– As pessoas que desencarnaram com você tomaram caminhos distintos. Eles estavam em momentos de compreen-

são e vibração diferentes, o que acabou por proporcionar diferentes encaminhamentos.

– Sebastião desencarnou ao mesmo tempo que você. Contudo, a revolta era muito grande em seu coração e as energias negativas acabaram por determinar um encaminhamento distinto do seu. Igual a ele, muitos tiveram encaminhamentos semelhantes e permaneceram na região do conflito.

João Baiano indagou:

– Peço desculpas meu irmão querido, mas não entendi ao certo o que aconteceu com ele e aos outros em condição similar.

Doutor Tanaka continuou:

– Eles acabaram por ser manipulados pelas trevas e ainda não conseguimos alcançá-los. Muitos, como é o caso de Sebastião, não perceberam que desencarnaram e ficaram en-

volvidos em loop temporal ao qual vivenciam continuamente o conflito em que estão em situação de guerra.

– O ódio e o desejo de vingança em seus corações o colocaram em condição de serem manipulados por outros irmãos trevosos, utilizando-os como instrumentos para vinganças pessoais em vidas passadas.

– Infelizmente, a permanência em um loop temporal é comum em irmãos com ódio e sede de vingança, bem como àqueles que se encontram apegados à matéria. Isso ocorre também entre aqueles que passaram por desastres trágicos que lhes custaram a vida terrena. O desespero é tal que eles ficam ligados à condição material, dificultando, em muito, o seu resgate.

João Baiano pergunta:

– Doutor Tanaka, o que significa o loop temporal que falou?

Doutor Tanaka diz:

– No futuro terreno, a Física encampará conhecimentos sobre a natureza da vida que há muito tempo são conhecidos por nós. Eles serão denominados através de forte intuição do mundo espiritual como a física quântica multidimensional, em que a lógica do tempo difere nas diferentes dimensões da natureza.

– Contudo, a Física ainda demorará séculos para compreender a existência da vida em diferentes dimensões e confirmá-la. O que ela descobrirá é a existência destas dimensões, e com o tempo, através do desenrolar de suas teorias, novos conhecimentos serão apresentados.

– Nós não temos pressa em nos revelar, pois tudo tem o seu momento certo.

– A Física descobrirá o que aqui vivenciamos há séculos, que é a existência em outras dimensões, tais quais estamos agora. Isso consiste em que em uma redefinição da própria lógica do tempo.

– Em outras palavras, os anos passados na vida material podem equivaler a minutos na espiritual. É por isso que muitos desencarnados, quando se veem envolvidos neste loop de tempo, não percebem que muitos anos se passaram a sua volta e nem que não mais pertencem ao mundo material.

– Só com o trabalho espiritual, ao qual as casas espíritas são os grandes interlocutores da espiritualidade, é que, devagar, conseguimos reverter esta situação.

– João Baiano, muitos irmãos quando passam muito tempo nesta condição, acabam por enlouquecer sem perceber, transformando-se em joguetes e marionetes das trevas. O nível de ilusão ao qual são impostos é tal, que perdem a noção de quem eles mesmos são, colocando em risco a sua própria humanidade. Alguns entram em tal grau de alucinação que assumem a forma ovoide, perdendo totalmente a noção que são humanos, dada a deformação que ocorre em sua mente e perispírito.

– Usamos esta linguagem com você, pois sabemos que possui conhecimentos obtidos em diferentes encarnações que o permitem compreender o que falamos.

– Um estudioso e preparado irmão está sendo orientado para uma encarnação futura que se dará daqui a 100 anos do tempo terrestre. Esta encarnação ocorrerá no ano de 1879, na cidade de Ulm, na Alemanha.

– Ele será um dos maiores físicos da história da humanidade e carregará consigo grande responsabilidade com o uso dos conhecimentos de suas descobertas. A sua encarnação está prevista para durar até o início da segunda metade do século XX.

– Ele divulgará novos princípios da Física que será denominada como teoria da relatividade e fundamentará notáveis descobertas para toda a humanidade com potencial para a melhoria da vida humana.

– Porém, uma grande prova estará à sua espera. Ele carrega expiações do passado, ao qual em vida pretérita em

Capela, participou da morte de muitos capelinos. A sua expiação será colocada em prova através da utilização dos seus conhecimentos para ajudar as pessoas que prejudicou e levou à morte no passado.

– Os seus conhecimentos pretéritos da Física proporcionarão a descoberta de novas formas de energia fruto da ficção do átomo e do hidrogênio que poderão ajudar ou chacinar milhões de pessoas, caso seja usada como arma bélica. Ela será denominada como energia nuclear.

– Ele terá uma missão louvada e muito difícil, visto que como disse Jesus, a quem muito é dado, muito será pedido. Eu vim a este mundo para exercitar um juízo, a fim de que os que não veem, vejam, e os que veem, se tornem cegos.

João Baiano olha para o Doutor Tanaka, admirado com suas explicações e pergunta:

– O senhor sabe qual será o nome deste ilustre Físico que ainda encarnará no plano material?

Doutor Tanaka responde:

– Ao que tudo indica, João Baiano, o seu nome será Albert Einstein. Está previsto que ele se casará por duas vezes e suas futuras esposas se chamarão Elsa Einstein e Mileva Marić. Ele terá três filhos, cujos nomes serão Eduard Einstein, Hans Albert Einstein, Lieserl Einstein.

João Baiano pergunta ao doutor Tanaka.

– As descobertas de Albert Einstein comprovarão a existência do mundo espiritual?

Doutor Tanaka ouve atentamente e responde:

– Em princípio não! A descoberta da existência de vida em outras dimensões ainda demorará muitos anos para ocorrer. Como te disse, a humanidade não está ainda preparada para isso.

– O que ele anunciará é o entendimento ao qual o universo é muito mais complexo do que aparenta ser. Serão

postas questões e possibilidades de investigações que motivarão outros cientistas que encarnarão no futuro.

– Em pouco tempo, esses cientistas trabalharão com a possibilidade da existência de até 10 dimensões no universo, a denominada Teoria das Cordas, que será desenvolvida por Theodor Kaluza, cujo encarne está previsto para o ano de 1885.

– Ele teorizará a existência de pequenos filamentos de energia no universo, similares a cordas vibrantes, com padrões de energia variados que podem ser responsáveis pela formação de planetas. As ondas serão entendidas como similares às cordas de um violão, emitindo sons e padrões de energia diversos que possuem o poder de se expressar em dimensões microscópicas.

– Muitas outras teorias serão criadas no futuro, mas, a comprovação física de nossa existência ainda demorará séculos para ocorrer. Lembre-se João. As crianças engatinham,

andam e correm, e a humanidade, apesar de sua irreverência, ainda está na primeira etapa.

– Contudo, é esta irreverência e busca por descobrir o novo que fomentara o tempo que nos encontrarão e muitos mistérios da vida serão revelados, com a humanidade dando saltos inimagináveis positivos para o futuro.

João Baiano ouve atentamente as explicações do Doutor Tanaka e ele continua:

– Você ainda ficará internado por pouco tempo. Existem alguns amigos seus que esperam ansiosos para te reencontrar. Nós só não deixamos eles virem aqui te visitar, pois são muito barulhentos e espirituosos, acabando por infringir as regras do hospital que é o silêncio como uma prece.

Quando diz isso, Doutor Tanaka ri de forma espontânea, algo que não é do seu costume, pois geralmente é compenetrado em suas ações. João Baiano pergunta:

– *Quem são estes amigos? Eu não me lembro de conhecê-los.*

O Doutor Tanaka e os enfermeiros olham entre si, riem uns para os outros, e o primeiro diz.

– *Calma, João Baiano! Muito em breve você os verá. Todos os dias eles vêm aqui saber notícias de você. Quando os ver se lembrará.*

O Doutor Tanaka e os enfermeiros olham carinhosamente para João Baiano e se retiram. O tempo passa rapidamente e alta do hospital se aproxima. João Baiano se sente muito bem e poucos resquícios do seu desencarne permanece. Tal qual previra o Doutor Tanaka, ele ainda puxava levemente uma das pernas, algo que com o tempo, através da recomposição do seu perispírito, desapareceria gradativamente.

O seu tom colaborativo expressou a vontade de trabalhar e continuar os seus aprendizados. Ele não sabia ao certo aonde iria morar, bem como o que iria fazer. Em sua humildade característica, aceitaria o que lhe pedissem sem

qualquer contestação ou soberba, acreditando na bondade divina.

João Baiano se preparava para sair do hospital, despedindo-se de todos aqueles trabalhadores que tanto o ensinaram e cuidaram com todo o carinho. Um mundo novo o aguardava repleto de desafios, oportunidades e aventuras para o bem.

Quando ele sai do hospital, percebe que 5 pessoas caminham felizes em sua direção, abanando as mãos, rindo e gritando pelo seu nome para chamar a sua atenção. A princípio ele não os reconhece de imediato. Quando se aproxima daqueles irmãos, a alegria resultante daquele encontro desperta de imediato as suas lembranças e um abraço coletivo é ministrado entre ambos.

A sofisticada cidade de Aruanda assiste à explosão de felicidade em frente do hospital. Os seus amigos José, Elpídio, Mané Baiano, Joaquim e Maria choram de alegria e

emoção por estarem novamente em companhia de um amigo tão querido.

Muitas histórias são contadas, bem como a reiteração da lembrança de João Baiano como um dos antigos integrantes da corrente dos baianos. Ele acompanha aqueles amigos até o bairro onde moram a maior parte dos baianos que residiam em Aruanda. O local simula a Bahia e seus costumes, em diferentes períodos da história.

A tecnologia existente se mistura com as roupas alegres e coloridas de todos os seus habitantes. Os símbolos da cultura baiana estão expostos com todo vigor e representatividade. A capoeira, os tambores, os atabaques, as músicas e o jeito descontraído e amoroso de viver marcam as relações entre todas os espíritos que ali residem.

A alegria é a marca de todos aqueles espíritos do bem. As suas rodas, festas e costumes marcam a cultura e interação entre todos aqueles que ali estão. Por serem

extremamente espontâneos e espirituosos, falam alto e têm a capacidade de amar com todo o coração.

A simplicidade de suas falas e músicas convive com a profundidade daquilo que dizem. Todos são cultos e possuem grande sabedoria sobre as coisas da vida. Contudo, usam uma linguagem simples para serem entendidos, especialmente quando estão em trabalho espiritual de ajuda a necessitados.

Em sua sabedoria, partem do princípio que algo importante a ser dito, só tem sentido se for inteligível àqueles que ouvem. Daí a forma tão simples para dizer questões profundas.

O que destacamos com esta afirmação é que os baianos se contrapõem ao jeito burguês, oriundo do mundo encarnado, de conceber o conhecimento. A natureza é complexa e simples ao mesmo tempo. As suas leis, depois de conhecidas, são simples e inteligíveis. O desafio está em superar o terror que impomos a nós mesmos quando nos deparamos com aquilo que não conhecemos, construindo

interpretações sobrenaturais e complexas ao que é simples e inteligível em seu devido tempo.

É como nos diz Platão, desde os tempos imemoriais dos gregos, ao afirmar que o acesso ao novo nos aterroriza, pois tira a certeza que temos de conhecer alguma coisa. O novo é a demonstração concreta da nossa inferioridade perante as coisas da vida.

Os baianos dizem a verdade de forma clara e objetiva, evitando perder o seu significado e importância. Não existe ato maior de benevolência do que se preocupar quem é o outro e o momento que ele está em entender o que se quer dizer.

A preocupação com o outro é o maior ato de indulgência e benevolência que podemos ter. Esta é forma de os baianos verem e agirem perante o mundo. Tudo o que fazemos e agimos só faz sentido se for compreendido por aqueles que queremos ajudar. Caso contrário, o risco que

corremos é de falarmos apenas para nós mesmos, perdendo todo o sentido o conjunto de ações que realizamos.

O dizer e agir de forma simples possibilita que o outro compreenda e seja ajudado, garantindo o objetivo e sucesso das ações benevolentes junto aos necessitados. Este é o espírito dos baianos.

O Recomeçar

*J*oão Baiano estava muito feliz em reencontrar amigos tão queridos que o receberam com todo amor na vila dos baianos em Aruanda. Ele sabia que um novo período de trabalho o esperava e que, em conjunto com os seus irmãos, poderia em muito ajudar os necessitados. Foi assim que em conversa com Maria, indagou a possibilidade de voltar ao trabalho.

– Maria, sinto que estou pronto para retornar ao trabalho junto com vocês. Você precisa me colocar a par sobre tudo que estão fazendo e no que eu posso ajudá-los sem que venha a atrapalhar.

Maria ouviu João Baiano e diz:

– Existem alguns eventos em curso que você precisa saber. Nós estamos em guerra no mundo espiritual. Um amplo processo de transição planetária se anuncia para o futuro, cujos desdobramentos começamos a sentir agora.

– *Este é um movimento que está presente em toda a história da vida no universo. O universo é habitado por espíritos como nós que estão em múltiplos estados evolutivos e vivem, em função disso, em diferentes dimensões. É o caminhar da vida rumo a se aproximar do Criador.*

– *Como palco de uma escola viva, todos os habitantes dos diferentes mundos aprendem com suas experiências e crescem com seus aprendizados.*

– *Porém, este caminho nem sempre é tranquilo, pois afetam interesses de irmãos que habitam zonas distintas de existência e evolução.*

João Baiano responde:

– *Eu não sabia disso Maria! Preciso me inteirar de tudo. Porque os conflitos estão tão acirrados?*

Maria continua:

– *O Planeta Terra se transformará no futuro e uma guerra está em curso com os nossos irmãos umbraínicos que*

discordam com este desenrolar. Preciso que você ouça atentamente tudo o que aqui vou te contar, para compreender a importância de nossa luta e como pode contribuir com ela.

Os dois se afastam da animada roda de dança para conversarem. É aí que João Baiano recebe uma preciosa lição de sua tão querida amiga que mudaria a sua forma de interpretar as coisas da vida. Maria continua:

– A transição planetária de acordo com sua escala evolutiva está presente nos desígnios humanos. A sua transformação, processo datado de milhares de anos, tem a ver com o nível de compreensão que se tem através das lições que são oferecidas nas diferentes reencarnações.

– As lições são oferecidas a todos de acordo com o acúmulo de experiências que se têm e seus débitos no passado. Na prática, bilhões de encarnados e desencarnados convivem em um emaranhado de relações que se entrelaçam.

– Alguns com provas e expiações mais difíceis, outros mais brandos. A própria atribuição da dificuldade está em

conceber que cada espírito possui seu grau de provas e expiações, sendo que o que é difícil para um, talvez não seja para o outro.

– Isso nos coloca o desafio de conceber o outro a partir de suas próprias experiências. Quando nos fechamos nos limites dos nossos próprios valores, perdemos de vista a percepção alheia, tornando-nos cruéis para com o próximo e com nós mesmos.

– Não existe ato maior de indulgência e benevolência do que ter caridade pelo próximo, respeitando os seus limites e possibilidades. Tudo o que acontece na vida é uma lição para o aprendizado e crescimento individual e coletivo.

– Contudo, cada um tem suas próprias lições e desafios. Na prática, o que nos faz crescer, mudando nossas formas de agir e pensar, não é similar ao que ocorre com todos os outros irmãos.

João Baiano ouviu atentamente as explicações de Maria que continuou:

– *As heterogêneas lições impostas a todos os espíritos transformam a vida conjunta em uma grande aventura passageira. O viver é uma notável aventura que muitas vezes não percebemos.*

– *A incapacidade que temos em perceber a vida em sua plenitude acaba por empobrecer o sentido mais nobre de estar vivo que é a superação das dificuldades.*

– *A vida é uma grande escola que objetiva nos aproximar da criação. Vivemos para crescer, aprender, experimentar e buscar respostas.*

– *Quando negamos estes pressupostos, morremos interiormente, mesmo sendo espíritos de vida eterna. O sentido de estar vivo é aprender com tudo aquilo que está a nossa volta. Caso não aprendemos, morremos sem perceber.*

Sob o olhar atento de João Baiano, Maria continua:

– O processo evolutivo dos mundos habitados é datado de milhares de anos. A humanidade passou e passa por diferentes fases evolutivas.

– A primeira delas foi denominada como a dos mundos primitivos em que os homens se encontravam em situação feral.

– A segunda fase como de provas e expiações, período em que ocorre o predomínio do mal sobre o bem, o qual hoje vivenciamos.

– A terceira fase, que ainda virá no futuro, é a de regeneração, onde o bem predomina sobre o mal, mas o último ainda não deixou de existir.

– Posteriormente, a dos mundos ditosos em que o mal foi sobrepujado pelo bem e, por último, os mundos celestes ou divinos, onde as criaturas se veem mais próximas do Criador.

João olha para Maria e pergunta:

– Mas, o que isso tem a ver com o que passamos?

Maria continua:

– A Terra vive um processo de transição da fase de provas e expiações para o de regeneração ao qual o planeta deixará de ser um mundo de dor, de provas e de expiações, para ser um mundo de Regeneração, de reequilíbrio, de felicidade.

– No âmbito das provas e expiações, todos temos o desafio de crescer e cultivar a liberdade. A humanidade tem dificuldade em estabelecer a relação entre a justiça dos homens e a divina. Este é um dos motivos em que se predomina o mal e a humanidade convive com tantas misérias e dificuldades.

– Enquanto oram confiantes, exemplificando o amor evangélico, os leais seguidores de Jesus reparam o progresso dos ímpios e sofrem a dominação dos vaidosos de todos os matizes.

– Enquanto triunfam os maus e os indiferentes nas facilidades terrestres, eles são relegados a dificuldades e

tropeços à frente das situações mais simples. Apesar da evolução inegável do direito no mundo, ainda são chamados a contas pelo bem que fazem e vigiados, com rudeza, devido à verdade consoladora que ensinam.

– A fase da regeneração é a superação desta condição, funcionando como um elo evolutivo para o crescimento espiritual e moral de toda a humanidade.

– Vivemos uma transição planetária que marcará o início do período de regeneração. Isso implicará a construção de um novo caminho para a luz, constituindo esperança para toda a humanidade.

– Este é um processo que está em curso com forte atuação da espiritualidade, o advento do mundo de regeneração. Eles serão um mundo transitório entre as provas e expiações e os mundos felizes.

– O desafio estará em nos livrarmos do orgulho, da inveja e do ódio. Este processo transitório é muito mais com-

plexo do que aparenta ser. As forças em jogo em torno de sua aceitação ou recusa transcendem o mundo dos encarnados.

– Existem aqueles irmãos que ainda não conhecem a luz, habitantes nos planos umbraínicos, que lutam de forma desesperada para que este processo não ocorra. A sua concretização implicará a perda de sua influência no planeta.

João Baiano pergunta:

– Qual será o resultado deste processo de transição para os irmãos umbraínicos?

Maria responde:

– A substituição do predomínio do mal pelo bem reduzirá sua zona de influência, sendo eles próprios limitados em sua condição atual.

– Os irmãos do bem, vinculados aos ensinamentos e pressupostos de Jesus, preparam uma ampla ofensiva para que o processo de transição se concretize.

– *As vitórias das forças do bem causam pavor nas fronteiras do umbral, cuja própria existência entra em questão. Como resistência, as forças umbralinas passam a utilizar toda e qualquer estratégia em prol da sua própria sobrevivência.*

– *É nesse sentido que ocorrem eventos como o que você vivenciou em sua última encarnação. Lutas legítimas pela liberdade que acabam por ser usurpadas para escravizar os espíritos combalidos, desviando-os dos seus verdadeiros propósitos.*

– *Nós estamos em meio a esta luta meu irmão e precisamos de você para formar fileiras conosco.*

João Baiano olha para Maria e responde de forma firme e convicta.

– *Estaremos juntos, amiga querida. Você sabe que pode contar comigo para o que precisar. As explicações que me deu esclareceram muitas coisas que agora começo a compreender. Sempre lutaremos juntos!*

Reflexões

*J*oão Baiano não imaginava a complexidade das questões que estava inserido, passando a compreender que as disputas entre o plano material e espiritual eram maiores do que imaginava ser. Os conflitos aos quais estavam inseridos mudariam a história da humanidade, elevando-a a patamares superiores ainda desconhecidos por todos os seres humanos.

Ele caminhava por Aruanda em meio ao bairro dos baianos. Por onde passava, todos os cumprimentavam como se o conhecessem há muito tempo. As pessoas interagiam umas com as outras de modo alegre e feliz. Elas tinham o hábito de gesticular e falar alto, trazendo, em seu interior, alto grau de sensibilidade e alegria.

Ele estava maravilhado em ver a convivência entre a simplicidade e o alto nível tecnológico. A iluminação era per-

feita e a distribuição das casas era feita em um tom ergonômico, ao qual todos se viam e conviviam constantemente.

O que lhe chamou a atenção foi que o elevado nível tecnológico não afetou a cultura e a forma de conceber o mundo daquelas pessoas. A tecnologia contribuiu para a melhoria da vida de todos, não determinando às mesmas outras formas de ser e agir que não fossem as suas.

Em virtude do elevado nível espiritual reinante em Aruanda, tudo o que ali se apresentava era voltado para a melhoria das condições de vida dos seus habitantes. Eram os espíritos residentes que determinam os rumos dos avanços tecnológicos e não o contrário.

Os baianos, somados aos demais moradores de outras etnias residentes em Aruanda, têm uma concepção concreta de vida em relação à tecnologia que invejaria cientistas terrenos presos à concepção dos seus resultados como expressão do lucro financeiro.

O que ele viu foi a concretização do grande desafio para o crescimento da humanidade, ao qual ela não se transformasse em braços da tecnologia, perdendo sua identidade e humanidade, mas sim que a tecnologia fosse a extensão dos seus braços e aspirações.

A cidade de Aruanda expressa a segunda concepção apresentada no parágrafo anterior. Todas as descobertas e avanços científicos são voltados ao bem-estar e melhoria de vida daqueles que ali habitam.

Por estarem em um alto grau de desenvolvimento, não ocorrem disputas pelo seu controle e nem lutas pelo poder. Aruanda é a maior expressão de que todos podem progredir, viver bem e ser felizes, sem que haja submissão de espíritos para com outros espíritos, tal qual acontece na Terra e aconteceu em Capela há milhares de anos atrás.

Por mais que João Baiano tivesse vivido em Aruanda encarnações pretéritas, percebeu que a cidade crescera de

forma considerável no curto prazo de tempo em que esteve encarnado.

A liberdade inventiva era posta à prova. A tecnologia não livrava as pessoas do trabalho, mas sim possibilitavam que elas o realizassem com conteúdo e prazer. O que observou foi que todos tinham uma função e a elas se dedicavam com amor e carinho. Contudo, em meio à sabedoria expressa por seus dirigentes, havia uma divisão manifesta entre o trabalho e o tempo livre.

O que a humanidade ainda lutará por séculos para conceber este equilíbrio. Em Aruanda, o trabalho e o tempo livre convivem com harmonia e significado. Todos sabem o que fazer e a importância daquilo que fazem. Da mesma forma, o tempo livre é dividido entre o convívio social harmônico e os processos individuais de estudos e compreensão dos fenômenos da vida natural.

Ele viu um carinho imenso para com as crianças. Elas são doces e as suas fases de desenvolvimento são respeitadas.

Existem espíritos que optam por permanecer como crianças, mesmo sendo muito velhos.

Entre o lazer, estão as cachoeiras energéticas de Aruanda e suas águas crísticas cristalinas. As águas têm o tom azulado e delas se aproveitam tanto os desencarnados, como os encarnados com tom vibratório que o autoriza para este fim.

Elas não são altas e a queda de suas águas não são bruscas. As cachoeiras não ultrapassavam 7 metros de altura e as águas caem de forma singular, amortecidas pelas pedras que quebram a sua velocidade. Ao seu lado, convive um equilibrado conjunto de plantas que ornamentam a beleza do local.

Por fim, em meio a toda esta beleza de arquitetura inenarrável, forma-se uma piscina natural de águas crísticas, cujas águas são quentes e a profundidade não ultrapassa os 70 cm, permitindo que todos se banhem com total conforto.

João Baiano observou que muitos de seus amigos, integrantes da corrente dos baianos, levam irmãos em tratamento para se banharem nas águas das cachoeiras de Aruanda.

As cachoeiras representam as ações divinas de Oxum, à qual se expressam a pureza, a renovação, o crescimento e a abundância proposta por uma vida em crescimento. As águas das cachoeiras representam o renascimento e grandeza da vida.

Oxum representa as águas doces, sendo o principal ato do amor e fertilidade. Ela carrega consigo a energia de uma jovem princesa toda coberta de ouro, sendo a amorosidade para com o próximo a sua marca de existência. Ela representa a beleza e a plenitude do amor, compondo a primeira parte da terceira linha da Umbanda, cujo fim se dá com Iemanjá, sua mãe. A sua beleza e bondade é estonteante.

O seu grande amor é Xangô. O seu sonho era aprender os segredos dos Itás, as histórias que seu pai Orumilá não

quis lhe contar. Foi assim que ela se enamorou de Exu, e conseguiu aprender todos os mistérios das histórias dos oráculos.

No sincretismo religioso, Oxum foi relacionada às “Nossas Senhoras”, sendo Nossa Senhora Aparecida para os baianos, e Nossa Senhora da Conceição para os paulistas e cariocas.

João Baiano ficou admirado ao ver aqueles trabalhadores baianos se aproximarem das águas das cachoeiras de Aruanda com irmão em sofrimento e desconforto.

Muitos chegavam ali combalidos, sem energia e após o contato com as águas mudam de expressão. Os baianos conduzem valorosos irmãos que desenvolvem trabalhos no plano material e que, fruto da entrega suprema aos interesses do Cristo, foram desenergizados.

Alguns irmãos ali conduzidos trazem em seus corpos instrumentos implantados pelos irmãos umbraínicos para vampirizá-los. Estes instrumentos geralmente estão nas

partes superiores dos seus perispíritos, entre a cabeça e o pulmão, afetando os seus chacras.

João Baiano observou estes instrumentos serem aniquilados ao primeiro contato com as águas crísticas. Ele constatou que os irmãos umbralinos também possuem tecnologias utilizadas para vampirizar humanos encarnados e desencarnados. O contato com as tecnologias dos irmãos umbralinos, comparadas aos princípios tecnológicos presentes em Aruanda, demonstrou, em uma forma prática, o tamanho da transição que estava em curso no planeta.

As recordações se manifestaram nas lembranças de sua última encarnação, especialmente quando das experiências de vida em conjunto com Sebastião. Os inventos científicos que presenciou, sendo muitos deles expressos no armamentismo, demonstrou o exibicionismo daqueles que o criaram e o utilizavam para humilhar os não letrados. O que João Baiano verificou foi que, infelizmente, o trato com a

ciência no mundo material se aproxima muito mais das práticas umbralinas dos que os das forças do bem.

O embate entre os desvendados dos segredos da natureza se dava entre libertar e oprimir a sociedade. Entre despertar a humildade que faria a humanidade caminhar a largos passos em busca de se aproximar cada vez mais do Criador, ou ser utilizados como mero instrumento de reprodução do capital e exploração.

O que João Baiano viu foi que a transformação que estava em curso no planeta e se acirraria anos no futuro, passando pela própria rediscussão da ciência e seus objetivos, tal qual disse o Cristo quando dissertou sobre a missão do homem inteligente na Terra. A inteligência tem que ser usada em benefício coletivo. A humanidade deve agir pela ciência e suas faculdades intelectuais para o bem e o progresso coletivo, promovendo a melhoria e o amor incondicional entre todos os seres vivos.

A estada de João Baiano junto às cachoeiras de Aruanda permitiu um profundo processo de reflexão sobre tudo o que acontece em sua volta. Existem momentos em nossa existência que, por mais que nos afirmem a importância de muitas questões, nós mesmos devemos chegar à conclusão de sua pertinência.

Elas devem tocar os nossos corações sob pena de se limitarem ao universo das letras mortas. As letras vivas são diferentes das mortas. As primeiras nos dão significados e transformam as nossas ações e vidas. As demais se apresentam nos limites dos enunciados, não fazendo qualquer sentido impactante em nossa vida.

As primeiras nos transformam, construindo, dentro de nós, novos sujeitos que aprendem com as experiências do passado e mudam a sua forma de agir no presente e no futuro. As demais se limitam a nos manter mórbidos, nos mantendo como nós somos.

João Baiano reflete sobre um profundo processo de transformação que se somou a toda a sua essência evolutiva somada a milhares de anos. A cada passeio que fez, novas questões se apresentam, demonstrando o sentido de uma existência para o amor.

O que ele observou foi o cuidado com que todos os seus irmãos baianos têm com ele. Todas as suas dúvidas são esclarecidas. Para ele, à qual a sua última encarnação fora repleta de preconceitos de demonstração objetiva e subjetiva de superioridade de uma classe social para com outra, ter acesso aos conhecimentos dos irmãos é algo sublime.

Muitas correntes de trabalhadores residem em Aruanda, tais quais a dos Pretos Velhos, Caboclos Índios, Médicos, Crianças, entre outras. Ela é uma colônia espiritual que em muito se assemelha à Colônia Nosso Lar, descrita por André Luiz e psicografado em livro por Chico Xavier.

Os Jardins de Aruanda são belos e inspiradores. A beleza das flores, a cor das águas dos lagos, as árvores que

fornecem sombras esplendorosas e os peixes vívidos traz uma energia pura que enebria todos aqueles que ali estão.

Os gramados são extensos e as pessoas que ali estão se sentam sobre eles para contemplar toda aquela beleza. Todos têm histórias para contar e o mundo se traduz em um amplo espaço de esperança e felicidade.

João se maravilhou com tanta beleza e doçura. A cada pedaço da cidade que conhece, maior era o seu encanto e admiração. As diferentes correntes de trabalhadores que ali desempenham suas funções de ajuda dos encarnados, trabalham em conjunto em sem qualquer competição.

Todos entendem a importância do trabalho coletivo e a possibilidade concreta de ajuda e difusão do bem-estar coletivo. Foi assim que em suas reflexões e meditações, João Baiano foi encontrado por seus amigos queridos de Aruanda que gesticularam felizes. José disse:

– João, João, por onde você andou? Estamos procurando por você. Você sumiu!

João responde:

– Estava a caminhar observando as belezas de Aruanda. Estou maravilhado com tudo o que vi. Como ela mudou rápido e para melhor desde minha última reencarnação.

Maria completa:

– Aruanda é em si um aprendizado ao qual reforçamos nossas formas de ver e sentir a vida. Toda a transição espiritual que se apresenta ao planeta Terra, tal qual conversamos, tem aqui o seu exemplo a ser seguido no futuro.

– A vida em equilíbrio do amor é a mais bela recompensa que pode ser dada a todos aqueles que admiram a grandeza da vida.

Joaquim continua:

– Nós entendemos que você precisa de um tempo para se adaptar a tudo de novo que está presente aqui. A sua última encarnação demonstrou um modo de vida distinto daquele que aqui se apresenta.

– Na realidade João, o que muitos não percebem é que devemos conviver com o que não gostamos para valorizar o que gostamos e ainda não sabemos.

– Caso contrário, corremos o risco de não valorizar e dar importância ao que vivemos e encontramos aqui. O que quero te dizer é que as relações que aqui vivenciamos são fruto do resultado do trabalho evolutivo de centenas de anos, com aprendizados e incorporações positivas à nossa vida.

Mané Baiano que acompanhava alegremente a conversa diz:

– Muitos que passaram por este processo evolutivo e ajudaram a construir Aruanda, hoje habitam regiões muito mais avançadas no plano espiritual.

– Alguns partiram para outras missões, sempre atentos aos desígnios da criação e suas inspirações internas. Outros, que hoje aqui estão, poderiam também ter tomado

este caminho, mas optaram por permanecer, intensificando o trabalho junto aos irmãos em sofrimento.

O irmão Espídio completa:

– Estamos ansiosos para que se junte a nós nesta nobre encruzilhada. Você participará de uma missão de resgate para amanhã junto com dois iluminados irmãos que já o esperam e acompanham o caso. Queremos que veja o nível de manipulação que os irmãos umbrafinos impõem àqueles que são suprimidos pelo ódio.

João Baiano de imediato pergunta:

– Vocês têm certeza que estou pronto para esta missão? Pergunto isso porque ainda estou me ambientando aqui após o meu desencarne. Vocês acham que estou preparado?

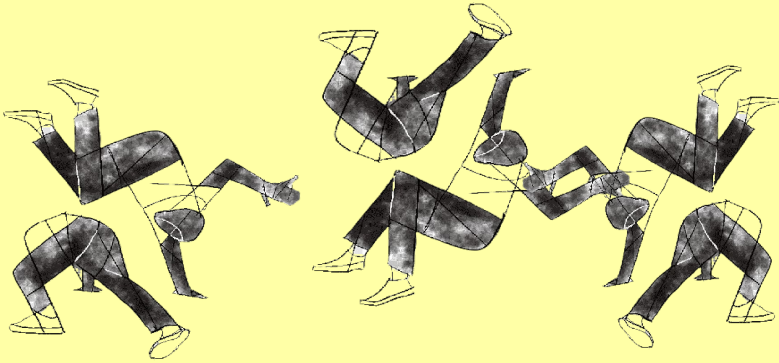
Os irmãos olham entre si e sorriem mutuamente, deixando uma expressão enigmática nos seus olhos. Espídio afirma com todo carinho e confiança:

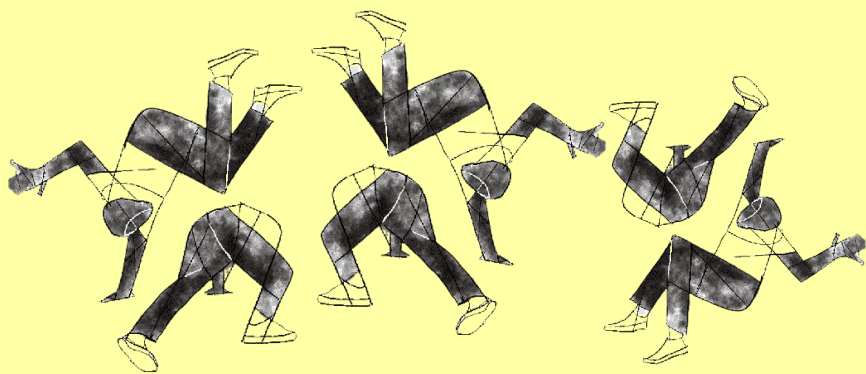
– Caro João. Pode confiar em nós. Não queremos adiantar para não te deixar ansioso, mas você é a pessoa mais indicada para fazer este socorro. Acreditamos que sua presença é fundamental para o sucesso do resgate.

– Você será acompanhado por dois irmãos muito experimentados no tipo de missão que te encaminhamos. Não estará sozinho em momento algum. Tudo dará certo! Confie que quando chegar lá entenderá.

João Baiano sorri de alegria e abraça ternamente os seus irmãos baianos. Eles juntos caminham, jogam capoeira e começam a cantar uma alegre música no trajeto para o bairro dos baianos.

A beleza do céu acompanhada de um luar esplendoroso, acompanhada de uma visão da galáxia, seus sóis e estrelas, enebriam aqueles puros corações unidos pelo amor e amizade verdadeira.





Sebastião

A cidade de Salvador está iluminada pelo fogo que resultava do confronto entre os soldados imperiais e os revoltosos. As baixas crescem e muitos que ali estão desencarnam de uma forma tão violenta e rápida que sequer se davam conta do ocorrido.

Um desses foi Sebastião, abatido na linha de frente em combate. A sua morte foi tão rápida e brutal que ele sequer teve consciência do ocorrido. Era um batalhão de revoltosos que desencarnaram e não perceberam. Foi assim que um dos soldados revoltosos dele se aproximou em disse:

– Sebastião, Sebastião, levanta! Vem para cá junto conosco. Vamos nos reorganizar para a luta. Nós ainda vamos ganhar a guerra contra os opressores. Venha conosco! Foi ordenado que batêssemos em retirada para nos reagrupar e atacar novamente!

Sebastião estava todo machucado e sem entender o que estava acontecendo. Um grupo de soldados revoltosos o levava a um lugar seguro arrastando-o por entre os tiros e as bombas jogadas.

Ele sentia muitas dores em todas as partes do corpo, especialmente na parte torácica, onde foi atingido. Mesmo os cuidados que lhes foram ministrados não são suficientes para reduzir a sua dor.

Ele olhou para o lado e viu centenas de soldados revoltosos com dores e machucados a sua volta. O desejo de vingança impera entre todos aqueles irmãos. Eles precisam se vingar e dar um novo rumo à guerra civil, revertendo a situação a seu favor.

Entre aquele universo de soldados maltrapilhos, as lideranças visam elevar o seu moral, promovendo palavras de ordem e organização. Luiz era um deles. Como o corpo todo ensanguentado e machucado, levanta-se perante todos os outros combatentes e grita.

– Nós ainda não fomos derrotados! Vamos nos reagrupar e atacar novamente! Todos em pé e prontos para a luta? Agora é a hora dos heróis e não dos covardes. Homens, em marcha e em frente!

Como resposta, todos aqueles espíritos se levantaram e voltaram para o local do confronto. A maioria sequer tinha consciência de que estavam desencarnados. O ódio e o desejo de vingança eram de tal vergadura, que os prendem em um loop temporal dos eventos realizados.

Aquelas pessoas enlouqueceram e, dentro da sua loucura, se imaginam como se estivessem em um constante reprisar dos momentos da guerra que havia lhes custado a vida sem que percebessem.

Aqueles combalidos espíritos partem para o conflito contra soldados que existem apenas na sua imaginação. O tumulto é generalizado e muitos são novamente abatidos.

A sensação de dor é similar à dos vivos, bem como a percepção de morrer em combate. A luta é violenta,

transparecendo um combate entre feras famintas. A cada combate, o ódio cresce entre os oponentes imaginários. Os soldados revoltosos são abatidos e, tempos depois, voltavam para ser abatidos novamente.

Todos ali lembram um universo de mortos-vivos. Aqueles soldados que lutavam pela liberdade quando encarnados, agora mais parecem zumbis, espectros de si mesmos.

As forças trevosas se divertem com o ensejo sem fim. Elas acabam por canalizar toda a energia do ódio crescente que ali existe. Seus integrantes se inserem em meio aos soldados desencarnados revoltosos, fomentando discórdia e os enfurecendo. Alguns, se apresentam como líderes do movimento e traçavam estratégias para que o combate permanecesse de forma indistinta.

Anselmo era uma das entidades trevosas que agiam para esse fim. Infiltrado por lideranças umbralinas, objetiva difundir o terror entre todos aqueles soldados. A percepção

das correntes umbralinas sobre as necessidades do ódio de cada irmão combatido é notável. Em um processo muito bem orquestrado, entendem as necessidades de cada um e as formas de aumentar a sensação e desejo de vingança.

Anselmo era muito bem preparado para o trabalho designado. Ele é alto e magro, usando roupas que o fazem parecer um coronel dos soldados revoltosos. A sua pele é branca e seus cabelos pretos e curtos. Na realidade, pouco conhece os soldados revoltosos, pois não participou do conflito armado. Ele desencarnou muitos anos antes, depois de um período de vida muito conturbado e repleto de traições em Paris.

Ao conhecer Sebastião, percebe a sede de vingança que estava em seu coração. Com a capacidade de leitura dos pensamentos, verifica que ele carregava o desejo de descobrir quem os havia traído. Com essas informações, concebeu um plano que atende a seus interesses próprios vinculados ao seu passado sombrio.

Os soldados revoltosos desencarnados novamente são abatidos em conflito contra os imperiais. Em meio a baixas e sofrimentos inenarráveis, Anselmo chama Sebastião para uma conversa particular.

– O senhor me chamou, Coronel Anselmo?

E Anselmo responde:

– Sim, Sebastião, pode entrar. Tenho visto a sua bravura em combate. Você é um exemplo para todos os outros soldados que aqui estão.

Sebastião se sente lisonjeado com as palavras de Anselmo, até porque não estava acostumado a ser elogiado. Anselmo diz:

– Nós desconfiamos que existem traidores entre nós. Precisamos investigar e descobrir quem eles são, para podermos nos vingar.

As lembranças da morte de João Baiano pairam sobre a mente de Sebastião e a fúria despertou em suas palavras. Sebastião disse:

– O senhor tem razão. Sempre tive esta desconfiança. Acredito que todos os nossos passos e planos são delatados por alguém.

Anselmo continua:

– Vamos criar um plano para descobrir quem está nos traindo. Eu preciso de sua ajuda nesta empreitada.

– Caso descobramos quem é o traidor, poderemos dele nos vingar, o desmoralizando perante todos os outros e o condenando à morte. Posso contar com você?

Sebastião responde de forma apressada.

– Sim, Coronel Anselmo! O senhor pode contar comigo para o que precisar. Muito obrigado por confiar em mim.

Anselmo responde:

– *Está ótimo. Em breve entrarei em contato. Você está dispensado.*

Sebastião, com o seu perispírito todo machucado e judiado pela situação, se retirou como um maltrapilho, sob o olhar malicioso de Anselmo.

Pouco tempo depois, Sebastião foi novamente convocado por Anselmo para iniciar a missão de identificação dos traidores. Para esse fim, Anselmo iludiu Sebastião criando uma situação como se ambos voltassem no tempo e acompanhassem os eventos que levaram à delação dos planos dos revoltosos.

A construção gradativa de todas as formas de resistência foi retomada. Anselmo e Sebastião os acompanhavam como se fossem expectadores desapercibidos.

Eles verificaram as primeiras inspirações que foram construindo o embate contra os soldados imperiais. Constataram que sempre existiram informantes, desde os mais

importantes até aqueles que trocavam informações por poucos vinténs.

Tudo sempre foi delatado. Desde as discussões acaloradas, os debates filosóficos, as inquietações entre os mais pobres, as opiniões dos alfaiates e seu convencimento àqueles que estavam a sua volta, entre outros. Em alguns casos, os delatores eram aqueles que estavam a sua volta. Alguns delatavam por dinheiro e outros apenas por prestígio e elogios vazios.

O coração de Sebastião se revoltou com tal constatação. Não imaginava que convivia próximo a tantas pessoas de caráter duvidoso. A angústia tomou conta dos seus pensamentos. O desejo de vingança explodiu no coração de Sebastião. Sem ter consciência que havia desencarnado e confuso com o desenrolar dos eventos, para ele tudo parece acontecer em tempo real.

Sebastião carrega o tom puro infantil em seus pensamentos. A influência das ações benevolentes de João

Baiano ainda estavam presentes em sua forma de ver e agir perante as coisas da vida.

Em que pese ter se deixado levar pelo desejo de vingança, Sebastião era verdadeiro e puro nas suas ações, uma pureza que o levava à própria ingenuidade. Para ele, o que ali vivenciou representa a podridão e a pobreza humana.

Por mais que fosse duro e irreverente, Sebastião sempre dizia a verdade e os seus pensamentos e ações traduzem esta forma de sentir e viver a vida. Para ele, aquele que mentia era desprezível e desprovido de qualquer valor.

Sebastião carrega consigo uma forma de ver o mundo peculiar. Como só diz a verdade, independente das cobranças que a vida trouxe para isso, acredita que todas as outras pessoas são iguais a ele.

A descoberta daquela corrente de traidores elevou a fúria já existente em seu coração. As dificuldades no avanço das ações dos revoltosos começam a fazer sentido. A ação

daquela rede de traidores impediu a melhoria de sua própria condição de vida, perpetuando a opressão.

Ele vê os traidores como parasitas que só se preocupam com seus próprios interesses. O que o indigna é que muitos deles são seus amigos de infância e vivem as mesmas privações. Como podem ser tão pequenos e mesquinhos, pensou consigo mesmo.

Mesmo sem ter consciência de estar desencarnado, a escola da vida e suas lições permaneciam ativas. As pessoas que conhecia, desde os tenros e ingênuos primeiros anos de vida, já não eram mais as mesmas. Talvez, nunca as tivesse conhecido da forma como verdadeiramente são. O que percebera é que só se conhece verdadeiramente as pessoas quando as dificuldades e o choque de interesses pessoais se revelam.

Anselmo percebeu a indignação de Sebastião e continuou seu plano para identificar todos os traidores.

Contudo, o seu objetivo não é os traidores até então apresentados, mas sim, Baltasar.

A Vingança

O plano de Anselmo tem início. Através de uma ilusão mental proposta em um processo de tempo desconexo, leva Sebastião para horas antes do levante, quando se deu a traição dos revoltosos e o delatar de todas das suas estratégias.

Estando próximos ao palácio do governador, observam como expectadores a chegada de Baltasar para denunciar toda a estratégia de luta dos revoltosos. Eles o acompanham, com Sebastião imaginando que estão escondidos, e ouvem toda a conversa e divulgação dos planos de invasão. Observam as promessas que o governador faz a Baltasar, prometendo ouro e vantagens pessoais para o futuro.

Anselmo se lembra da traição do passado e constata que Baltasar ainda era o mesmo que tanto o fez sofrer. Sebastião, por sua vez, encontra aquele que fora responsável

pela morte de muitos dos seus amigos, especialmente, João Baiano, a quem tanto ama.

A mistura do desejo de ódio e vingança entre ambos, proporciona que uma forte energia negativa se manifeste naquela dimensão, atraindo entidades umbraínicas de diferentes lugares.

Anselmo tem como objetivo usar Sebastião como instrumento de vingança. A ideia é escravizá-lo sem que ele tenha consciência. O seu ódio interior e desconhecimento da sua condição de desencarnado são os elementos para que a vingança se realizasse.

Ele cumpriria a sua vingança sem qualquer desgaste, deixando-a a cargo de Sebastião. Com o coração ressentido de ter sido enganado no passado, visa subjugar Baltasar e reafirmar a sua esperteza manipulando um outro espírito que sequer sabia que havia desencarnado.

Anselmo diz a Sebastião:

– *Este é o traidor. Os seus amigos perderam a vida por culpa dele. É ele que entrega todos os seus planos. Por isso não conseguimos vitórias militares.*

– *As derrotas se dão em virtude deste sujeito que denuncia todos os seus planos. Ele ouve as suas reuniões e corre para contar para o governador, visando benefícios para si e sua esposa.*

Sebastião se revolta com a situação e diz:

– *Covarde! Maldito! Muitos estão morrendo por sua culpa!*

Anselmo olha para Sebastião e diz:

– *Vamos nos infiltrar em segredo na sua casa, ver como vive e seus pontos mais fracos, para tirarmos vantagem disso. Vamos atacá-lo a partir de suas fraquezas e do que considera mais nobre em sua vida.*

– *Nós não podemos deixar que nos vejam, caso contrário, o plano não dará certo e ele continuará a nos*

denunciar. Temos que ocupar os seus pensamentos e ações de forma que ele se desespere e não mais nos denuncie.

Os dois caminham para a casa de Baltasar, com Sebastião iludido com a situação. Quando ali chegam, observam que Baltasar mora com sua esposa, uma mulher muito bonita cujo nome é Augusta.

Augusta, apesar de sua notória beleza, possui condições de saúde debilitadas. Ela tem problemas pulmonares e sangramentos constantes do útero que nenhum médico consegue diagnosticar e curar. Com o agravamento de seu quadro de saúde, passa a sair pouco de casa.

Anselmo, quando vê Augusta, sente em seu coração um misto de ódio, amor e ciúme. Ele não a perdoa pela traição no passado e, o próprio fato de vê-la junto com Baltasar nesta encarnação, o revolta. Em seus pensamentos, sente como se fossem presenteados pelo destino com uma vida conjunta de amor em detrimento do seu sofrimento e decepção no passado.

Sebastião, sem qualquer compreensão das intenções de Anselmo, transfere para os dois as suas carências, frustrações e limitações da sua própria vida. Como aquela família vivia em razoável condição financeira, entendeu que todo aquele luxo era o espólio obtido de suas sucessivas traições.

Ele olha para Anselmo e diz:

– Precisamos parar este delator. Mas, te confesso, não sei como agir.

Anselmo vê a oportunidade que tanto esperava para manipular Sebastião e diz:

– A forma de atingi-los e parar com suas ações é agir contra a sua família. Vou te orientar como agir. O que queremos é que sua esposa fique cada vez mais doente e debilitada. Aí, ele pagará pelo que está fazendo.

Sebastião olha para Anselmo e diz:

– Coronel Anselmo! A esposa dele! Coitada! Olhe só como já está doente. Isso não está certo. Ela não merece pagar pelos erros dele.

Anselmo, com medo de Sebastião recuar, o manipula.

– Não seja ingênuo Sebastião. É ela que usufrui dos frutos da traição do marido. Ambos são iguais. Pessoas pervertidas e traiçoeiras. Ela compactua com tudo isso. A morte de nossos irmãos a cada dia está nas costas dela. É por isso que não querem a liberdade, pois já tem tudo o que precisam. Eles são os responsáveis pela morte dos seus amigos e privação dos seus sonhos.

– Você está ao lado dos revoltosos ou não? Nós precisamos de você nesta missão. Tudo depende disso. É agora ou nunca! Quando atacá-los, lembre-se dos seus amigos, dos seus sorrisos, sonhos e esperanças que foram tirados por pessoas assim.

Sebastião se deixa manipular e sente o desejo de vingança tomar conta do seu coração. Ao perceber a sua concordância, Anselmo o instrui em como agir.

Anselmo, aproveitando-se do desconhecimento de Sebastião de sua condição de desencarnado, constrói toda uma simbologia de ação voltada a inviabilizar a vida do casal. A sua vingança entra em execução. As instruções dadas são claras.

– Os remédios não podem chegar a ela. Para isso você deve mentalizar que ela não precisa tomar o remédio em momento algum.

– Seja discreto. Nunca se deixe ver. Saber se esconder é a chave do sucesso. Basta você chegar escondido perto dela e firmar o pensamento que ela fará o que sugerir.

– Você vai repetir constantemente em sua cabeça. Não tome o remédio! Não tome o remédio! Não tome o remédio! Fazendo assim, ela não tomará.

– *Você dirá constantemente que ela não vai sarar. Sempre repetindo por três vezes cada pensamento.*

Sebastião pergunta:

– *Porque devo repetir por três vezes?*

Anselmo responde:

– *O número três é místico e possui grande força espiritual. Toda vez que você fala três vezes alguma coisa, aquilo tem o poder de entrar nos pensamentos de outras pessoas, induzindo-as a fazer o que você quiser.*

Na realidade, o número três é um número místico usado para o bem. Ele representa a fusão entre a trindade do cristianismo expressa pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ele produz grande influência mental para o bem, evocando ondas mentais que potencializam o coração para o bem.

As trevas utilizam apenas alguns dos seus princípios, potencializando princípios que abandonam as forças do bem

e usurpam ondas mentais para o uso e mentalização de forças negativas.

Anselmo continua:

– Você deve prestar a atenção no que eu vou te orientar. Você vai acompanhar Baltasar em todos os momentos de sua vida. Você atrapalhará todos os seus projetos e objetivos.

– Nós vamos quebrar a sua confiança em tudo o que fará. A ideia é que ele não tenha mais força para fazer nada, que duvide constantemente de si mesmo e não acredite nem mesmo que possa pedir ajuda a alguém.

– Você vai fazer isso devagar e de forma constante. Lembre-se, tem que ser devagar para que ele naturalize e, principalmente não peça ajuda aos baianos nazarenos.

Sebastião pergunta:

– Quem são os baianos nazarenos?

Anselmo responde:

– Os inimigos dos revoltosos. Os integrantes da corrente dos baianos que apoiam as forças portuguesas e não gostam de você. Os que vivem querendo retirá-los da frente de combate para enfraquecer as nossas forças e sermos derrotados.

– Eles mentem que querem salvá-los, quando objetivam apenas nos iludir. É por isso que sempre que eles quiserem falar com você, deve ignorá-los e não ouvir o que tem a dizer. Eles vão tentar te enganar para que não realize o seu trabalho.

– Eles são soldados disfarçados da coroa portuguesa que virão com uma conversa mole de perdão, indulgência e benevolência. Não os ouça nunca, pois eles são seus inimigos. Lobos disfarçados de ovelhas que querem te subjugar e devorar seus objetivos.

– Posso contar com você Sebastião. Caso diga sim, a partir de agora, te tirarei da frente de batalha e te deixarei

nesta missão. Você será o mais importante soldado dos revoltosos.

O orgulho e a vaidade envolvem Sebastião. Após aquela conversa, ele se sente valorizado, algo que até então não conhecia em sua vida. A motivação toma conta de suas ações e ele começa a perseguir Baltasar e Augusta de forma implacável.

O que ele não percebe é que os dois não saem mais daquela casa, bem como ele parece preso àquelas paredes. Augusta engravida e fruto de sua debilidade física sofre um aborto espontâneo. Ele vê sucessivas gravidezes que são acompanhadas por abortos. Aquilo parece se tornar um processo sem fim, uma espécie de círculo vicioso em que o final é sempre o mesmo.

Sebastião vê Augusta e Baltasar entristecerem e perderem o brilho em seus olhos. Augusta chorava a morte de cada um dos filhos abortados e Baltasar não conseguia consolá-la, perdendo a sua expectativa de melhoria de vida.

Baltasar via sua vida se complicar diariamente. Todos os seus interesses pareciam se chocar com os daqueles que estavam a sua volta. Sempre tinha alguém na frente que suplantava os seus objetivos. Ele parecia chegar sempre atrasado na busca dos seus interesses.

Como era uma pessoa soberba e que pensava apenas em si mesma, tinha dificuldade em buscar ajuda para esta terrível situação e, cada vez mais, se isolava. O seu baixo nível vibratório e descrença em qualquer princípio divino dificultava a ação das correntes do bem em seu benefício. Ele foi entristecendo e perdendo a esperança, pois a sua situação cada vez mais piorava.

Os problemas de saúde de sua esposa somados aos seus o colocavam em universo de penúria que demonstra a eficiência de Sebastião e da vingança de Anselmo. Foi assim que Anselmo, conversando com Sebastião, disse:

– Meus parabéns por sua brilhante conduta! Você tem feito de forma exemplar o que combinamos. Baltasar

está tão preocupado que não mais consegue delatar os nossos planos para o governador. Ele está sendo punido por tudo de mal que fez a todos nós.

Sebastião, em sua inocência, pergunta:

– Coronel, realmente tenho visto que ele não mais consegue nos delatar. Ele sequer sai de casa. Contudo, a situação da guerra não muda a nosso favor. A cada dia temos mais baixas e somos sempre derrotados. Percebo que alguns soldados que se machucam não voltam mais para a luta, desaparecendo do nosso convívio.

Anselmo, visando continuar a manipulação, em tom imperativo, afirma:

– É a guerra! É a guerra! Ela é assim mesmo! Não se preocupe, nós vamos ganhar de qualquer forma. Mas, para isso, preciso que você continue o seu trabalho de forma implacável ao qual está fazendo. Ele não pode nos delatar!

Sebastião responde:

– Pode deixar, Coronel. Continuarei firme lá. Eles não são páreo para mim. Quanto aos irmãos nazarenos baianos, nunca os vi por perto.

Sebastião não sabia que era observado por estes irmãos a um bom tempo. A diferença do nível vibratório entre ambos impedia que se comunicassem ou tivessem qualquer interação. Existia uma preocupação muito grande sobre o desenrolar dos eventos que ali se desenvolviam.

Muitos anos passaram desde o evento e aqueles irmãos, que desencarnaram em combate, mas não tinham consciência disso, continuavam cativos no loop de tempo, sendo usados de todas as formas pelas forças umbrales.

Contudo, muitos irmãos eram socorridos, consistindo nos soldados que desapareciam e reduziam os efetivos em guerra, tal qual alertara Sebastião. Como ele agora ficara cativo à casa de Baltasar e Augusta, não conseguia perceber a ação dos irmãos baianos no resgate destes soldados em sofrimento. A corrente dos baianos, inspirada pelo Divino

Mestre, agiu e libertou todos esses irmãos, permitindo que eles retomassem o seu caminho evolutivo.

A situação na casa de Baltasar e Augusta estava cada vez pior. Ambos estavam desvalidos e cadavéricos. Os seus olhos estavam sem vida e a esperança inexistia em suas vidas. A ausência de uma relação com a vida espiritual os colocava como presas fáceis dos interesses trevosos.

Os abortos continuavam e Augusta teve interiorizada a ideia de que jamais seria mãe. Com efeito, a tristeza cresceu. Baltasar perdeu totalmente a confiança. O olhar garboso e esperto que o levou a trair os revoltosos no passado desapareceu do seu semblante. Mesmo aqueles que ele ajudou por ocasião do levante, o ignoravam dando a impressão que não o viam.

A tristeza de Augusta e Baltasar sobre a situação de sua família e o arrependimento pelos erros passadas, em especial pelas vantagens econômicas que obtiveram como pagamento pela traição dos revoltosos, abriu o coração de

ambos e, pela primeira vez, pediram por ajuda e clemência a Deus por intermédio do Cristo.

O grito interior foi alto e clamoroso:

– Senhor, perdão por tudo o que erramos! Tenha piedade de nós! Nós precisamos de ajuda. Ajude-nos! Tenha misericórdia, nós te imploramos por socorro!

Æ oraram com toda a força do coração. Sebastião a ouviu atentamente e, por alguns segundos de dúvidas e reflexões, o sentimento de desprezo e ódio que tinha por aquela família diminuiu. O seu coração se apiedou pela situação em que viviam, colocando-se, por alguns instantes, no lugar daqueles que sofriam.

As energias negativas que ali existiam se dissiparam e, de imediato, uma forte luz eclodiu por toda aquela casa. Os irmãos baianos se materializaram e se aproximaram de forma fraterna de Sebastião que, pela primeira vez, conseguiu ver os seus rostos.

Sebastião se lembrou das explicações de Anselmo sobre os trabalhadores baianos nazarenos e tentou ignorá-los, ensaiando fugir dali. Contudo, as luzes intensas começaram a se dissipar e os rostos ficaram visíveis.

Quando Sebastião tentou correr, uma voz amiga o chamou com todo o amor e saudade.

– Sebastião! Por que está correndo de nós?

Sebastião ficou inerte, paralisado de pavor. Ele imaginou que seria preso e julgado por aqueles irmãos que representavam, ao seu entender, os opressores da coroa portuguesa.

Ele estava tão doente e dementado quanto àquela família que obsediava a mando de Anselmo. Devagar e de forma gradativa, esquecera quem ele mesmo era e desconhecia o nível de manipulação que estava inserido.

Ele se lembrou de uma voz familiar, mas, dada a sua condição, a princípio, não distinguiu de quem era. Foi aí que o irmão baiano disse assim:

– Não tenha medo, Sebastião. Eu não sou a Sereia e muito menos o monstro do mar que tínhamos em nossa infância. Hoje estou mais próximo dos Orixás e dos seres das estrelas.

E sorriu demoradamente para a perplexidade de Sebastião.

O Reencontro

*S*ebastião olha para o lado e vê três irmãos que estão próximos dele sem conseguir distinguir os seus rostos, dada a intensidade da luz que ali estava presente. Os procedimentos de aproximação de Augusta e Baltasar e a aproximação dos irmãos da corrente dos baianos ofuscavam todas as trevas que até então estavam ali presentes.

O ano terrestre era 1910. João Baiano foi levado a trabalhar com Rodolfo e Antonieta, no resgate de irmãos em sofrimento na cidade de Salvador. Na realidade, o objetivo maior era Sebastião e, por consequência, Anselmo.

Rodolfo e Antonieta têm a intelectualidade e a percepção das mudanças planetárias como marcas da sua evolução.

Rodolfo tem a pele preta e usa roupas e sapatos brancos. Os colares no seu pescoço são de cores azul, verde, ver-

melho, laranja, marrom e preto. Os seus cabelos, barba, bigode e sobrancelhas são todos grisalhos. O crucifixo fica próximo do ombro direito e constantemente usa um cachimbo, especialmente em momentos de aconselhamento e ações para o bem.

Antonietta também tem a pele preta. A sua roupa é de cor roxa com golas e mangas douradas. Ela usa um manto branco que cobre a parte de cima de sua roupa. Na cabeça, um Ojá de cor dourada e usa um ibiri da mesma cor.

A luz divina que ilumina estes irmãos é estonteante. A sua sabedoria e benevolência no trato com os necessitados é impressionante. O que mais comove João Baiano é a simplicidade destes irmãos em dizer coisas complexas de forma simples e inelegível.

O contato de João Baiano com estes irmãos foi esclarecedor. Ambos localizaram João sobre as mudanças que ocorreram no Brasil enquanto esteve desencarnado. O século XIX foi explosivo em termos de novas ideias, não só no

Brasil, como no restante do mundo. Os ideais de mudança social e independência afetou milhares de seres humanos dispersos pelo centro e periferia do planeta.

As mudanças na Bahia foram a expressão de um movimento maior expresso na política, música, pintura, filosofia, ciência e tecnologia, entre tantos outros.

Rodolfo e Antonieta começaram a explicar em detalhes o que ocorrera no planeta. Com a força do seu poder mental expresso na telepatia, as suas explicações se materializam como um filme para João Baiano, às quais imagens são intuídas como forma de facilitar o entendimento dos eventos ocorridos. Antonieta começou a explicação;

– A forte inspiração dos irmãos de luz permitiu que espíritos evoluídos encarnassem em tempo próximo, promovendo sucessivas revoluções científicas em meio ao ainda reinante exército de analfabetos no planeta.

O irmão Rodolfo continuou:

– *As artes, a filosofia, ciência, pintura, a ciência e a tecnologia passaram por grandes revoluções, cujos resultados não conseguimos explicar em tão poucas palavras. No Brasil, houve a independência de Portugal, a abolição da escravatura e a proclamação da República.*

– *Foram descobertas maravilhas na medicina, como a descoberta da anestesia e a invenção do automóvel.*

João Baiano diz:

– *Eu nem tenho ideia do que sejam essas invenções.*

Antonietta sorri e continua:

– *Nós entendemos, João. Com o tempo te contaremos todas em detalhes. Contudo, existem muitos irmãos que desencarnaram no mesmo período que você que ainda não foram socorridos, mantendo-se reféns aos processos do passado. Para eles é como se o tempo não tivesse passado.*

João Baiano pergunta:

– *Como assim? Preciso que vocês me esclareçam, pois não consegui entender.*

Antonietta continua:

– *O evento que levou ao seu desencarne gerou grandes doses de energias negativas. O acirramento do conflito e o ódio acabaram por abrir espaço para a manipulação feita pelos irmãos trevosos.*

– *Muitos destes irmãos ainda estão envolvidos em uma teia de eventos, desconhecendo que desencarnaram e imaginando que ainda estão em uma luta que já acabou a décadas.*

– *Atualmente, temos observado um irmão que é utilizado como instrumento de vingança por outro irmão, cujo coração se subordina às fronteiras do ódio. Sentimos que se aproxima a hora de o resgatarmos, mas, para isso, teremos que ser precisos nas estratégias para livrá-lo da influência do mal.*

Quase que de imediato, João Baiano se lembra de Sebastião. Ele não o encontrara em Aruanda e sequer tinha notícias de seu paradeiro. A única certeza era que ele também desencarnara naquela fatídica noite.

Rodolfo lê os pensamentos de João Baiano e diz:

– Sim, João Baiano, Sim. Estamos nos referindo a Sebastião, seu velho amigo de infância e irmão celta carnal em outra encarnação. Ele está enlouquecido e sendo manipulado por um irmão que se vinga de uma família por dívidas passadas.

– Acreditamos que com sua ajuda, podemos não só resgatá-lo, como começar a purificação do coração daquele que o engana, perdoadando aqueles que tanto mal o fizeram no passado.

João ouve as explicações de Antonieta e Rodolfo e de imediato se coloca à disposição para o trabalho. Ele recorda seus momentos de infância, os sonhos de adolescentes e as diferenças quanto a ação política na juventude. O desafio

estava nas formas de abordagem que permitissem que Sebastião recuperasse a sua humanidade plena, se lembrando de quem foi e sua relação com João Baiano.

Os irmãos caminham para a casa de Augusta e Baltasar e percebem a penúria e energias negativas que ali estão presentes. Com um nível vibratório mais elevado, veem Sebastião prejudicando o casal sem serem por ele notados.

O desespero de Augusta e Baltasar que clamaram por ajuda e a comoção de Sebastião possibilita a criação de um campo energético em que Sebastião consegue vê-los, o que antes não era possível.

Esta foi a brecha para que João Baiano se aproximasse de Sebastião usando as lembranças em comum do passado que tanto os fizeram felizes. Sebastião se choca ao ver o tão amado amigo, que imaginara que não mais veria. Os dois se abraçam de forma comovente. As lágrimas escorrem daqueles rostos plasmados, reiterando uma amizade

profunda que não se rompeu pelas diferenças humanas. Sebastião olha para João Baiano e diz:

– Você veio lutar conosco? Eu pensei que você tivesse morrido aquela noite. Eu te vi ser alvejado. Jurei vingança contra aqueles que cometeram tal atrocidade como forma de honrar a sua memória. Agora lutaremos juntos novamente, pois vejo que não me abandonou.

– Estou aqui para me vingar destes dois traidores que achava serem os responsáveis por sua morte. Agora que vejo que não morreu, me sinto aliviado. Contudo, estes dois precisam aprender a lição que não devem trair aqueles que neles confiam.

João Baiano percebe que teria uma dura tarefa com Sebastião. O segundo, não tinha consciência que o tempo tinha passado e que os eventos que viviam não mais existiam. Pedindo ajuda aos irmãos baianos que estavam juntos com ele, começou um difícil processo de esclarecimento ao tão amado amigo.

– Sebastião! Preciso que acredite em mim e confie nas minhas palavras. O que tenho para te dizer pode te chocar, mas chegou o momento de saber a verdade. Preciso que ouça com atenção e observe com muito cuidado os eventos e a paisagem que se apresentará ao seu lado.

Os irmãos aplicam passes magnéticos em Sebastião e ele consegue ver a cidade de Salvador. A princípio se assusta com a paisagem e a tranquilidade das pessoas. Ele diz:

– João Baiano, o que está acontecendo? Parece que estou em outro lugar. Eu me sinto estranho! Onde está a guerra? Cadê os soldados? A casa que fui enviado em missão está em ruínas. Como isso aconteceu?

João Baiano responde:

– Preciso que se acalme meu amigo querido. Já se passaram 110 anos desde o ocorrido. Nós dois morremos naquela mesma noite e acabamos por perder o contato.

Sebastião fica desesperado e, em princípio, não acredita em João Baiano. Aos gritos disse:

– Eu não morri! Eu não morri! Estou vivo e em missão contra os traidores dos revolucionários que pensei que tivessem te matado! Você está louco, João Baiano! Como pode dizer que morremos, estou te vendo na minha frente! Agora não é hora de brincadeiras!

João Baiano ouve com benevolência as indagações de Sebastião. Ele sabia que aquela revelação era muito forte para o seu amigo e deveria ter paciência. Ele o abraça, pede que se acalme e continua a sua explanação.

– Eu sei que isso é difícil para você. Quando estamos vivos, temos a impressão de que existe apenas uma vida e quando termina desaparecemos. Contudo, as coisas não são assim. Muitos desencarnam e não tem consciência disso, cabendo a nós esclarecermos para que todos sigam a seu caminho.

– *A vida existe tanto no mundo material como no imaterial que se projeta em outros lugares e diferentes dimensões. A diferença de vibrações nos faz aproximar de estadas distintas. Por isso, não nos encontramos, pois estávamos em lugares diferentes.*

– *Com o tempo te explicarei mais a fundo o significado disto. Preciso apenas que confie em mim, lembrando que nunca menti para você. Apenas te peço que confie e acredite em mim. A morte não é o fim de tudo, mas sim a transição para um outro plano de consciência.*

Sebastião ouve e faz a seguinte pergunta:

– *Como isso pode acontecer? Eu estava junto com Baltasar e Augusta por todo este tempo. Seguia fielmente as ordens do Coronel Anselmo que está à frente de nossa luta. Como você me explica isso?*

João Baiano ouve a pergunta e continua o esclarecimento de Sebastião.

– Todos vocês estão desencarnados, sendo que o único que tem consciência disso é Anselmo. Ele sequer participou das lutas do povo baiano. Ele te iludiu para usá-lo como instrumento de uma vingança passada.

– Augusta faleceu um pouco antes de você ser enviado para a casa dela por Anselmo. O desencarne ocorreu por problemas pulmonares expressos em uma tuberculose aguda e de complicações no parto.

– Todos os abortos que vivenciou foram frutos da frustração por ter perdido o filho por ocasião do seu desencarne, e o arrependimento pelos sucessivos abortos que cometeu em vidas passadas. Ela planejara ter filhos nesta encarnação, como forma de recuperar suas expiações, o que na realidade nunca ocorreu. Baltasar ao ver a partida de sua esposa, entrou em profundo processo depressivo e faleceu logo em seguida.

– Como o nível vibratório de ambos era muito baixo e carregavam dívidas de vidas passadas, nós não conseguimos

socorrê-los e ficaram presos a esta casa, imaginando que ainda estivessem vivos e em sofrimento profundo.

– Como não tinham herdeiros, o pouco do patrimônio que restou se perdeu, inclusive a casa que se deteriorou com o tempo, estando em ruínas agora. Todo o sofrimento em seu interior acabou por afastar possíveis compradores, ganhando a mesma, fruto da incompreensão e ignorância das pessoas, a fama de casa assombrada. Acreditamos que em breve ela será demolida, dando fim material a esta triste história.

– Anselmo, quando percebeu que estavam presos àquela casa e não foram socorridos de imediato, o enviou para que os atormentassem criando ilusões sobre sua condição de existência. Os fracassos contínuos nos negócios existentes apenas na percepção dementada de Baltasar e a ideia da gravidez imaginária de Augusta foram as estratégias de vingança implantadas através de você por Anselmo que em suas múltiplas encarnações, sequer teve qualquer patente militar.

Sebastião se chocou com tudo o que ouviu. A realidade tirou seus pés do chão, sem que encontrasse argumentos para questioná-la. João Baiano continuou a sua explanação.

– O pedido de socorro de Baltasar e Augusta possibilitou que nos aproximássemos de todos, especialmente de você.

Sebastião percebe que fora um pião em uma história que não era sua. O revelar da realidade mexeu com seus pensamentos, colocando em dúvida as suas próprias ações. Foi aí que ele perguntou:

– O que levou Anselmo a buscar com tanta sede a vingança contra estes dois. Ele parecia ser uma boa pessoa. Como me enganei.

João Baiano responde:

– E ele é, contudo foi corrompido pelos erros e tramas da vida. Vamos te contar a história destes três personagens para você entenda o que aconteceu.

João Baiano, com a ajuda de Rodolfo e Antonieta, constroem uma fusão mental com Sebastião de modo que ele enxergasse como um filme em sua mente os fatos ocorridos. Sebastião agora era um expectador que caminhava pela cidade de Paris, na França.

Paris

Ocorre uma volta ao passado e como uma névoa na mente de Sebastião, a França do século XVI se apresenta. Paris era uma metrópole em desordem. As calçadas eram de madeira, as casas baixas e cheias de goteiras e as rodas das carroças feitas de ferro. Os ratos e os gatos infestavam a cidade.

A cidade era um amontoado de casas e o lodo que cobria boa parte das ruas. Nela tinham muitas pontes, igrejas e palácios. Existiam também vendas que atendiam aos ricos e aos pobres. Ali habitavam todos os tipos de pessoas de diferentes etnias e países, cujas cores de cabelo variavam entre o preto, branco, ruivo, loiro, castanho ou grisalho.

As mortes e traições eram uma constante nesta cidade. Alguns aparentavam ser o que não eram, esbanjando aparente riqueza que escondia as suas limitadas condições de

existência. Outros eram fanfarrões e pretensiosos que se envergonhavam de suas limitações essenciais da vida. A filosofia e o garbor conviviam com pajens, ladrões e lacaios.

Paris ganhara o apelido de cidade das luzes. Isso se deu em virtude de a cidade atrair intelectuais de diferentes vertentes e áreas do conhecimento tal qual uma lamparina atraía os insetos.

A filosofia e as inspirações para a transformação social inebriavam toda a capital francesa. Nela, artistas, músicos, pintores, arquitetos, bailarinos, escultores, entre tantos outros, constituíam um amplo movimento cultural que a abalava no período em questão.

*A ruptura com os ideais da idade média, entendida como idade das trevas, a “grande noite” para os franceses, se expressavam na reafirmação da cultura, identidade e língua nacional, o período denominado como *Les Belles Infidèles*.*

João Baiano ilustra a história.

– Os bares noturnos e os debates acalorados ferviam por toda a cidade das luzes. Foi assim que, em uma noite desprentensiosa, Anselmo, com pouco mais de 20 anos de idade, saíra com seu grande amigo, Felipe (Baltasar), para beber e conversar com outros conhecidos sobre o futuro da França.

– Eles gozavam dos mesmos sonhos e aspirações. Eles eram irreverentes e falavam alto, deixando transparecer as suas ideias e objetivos para a vida. Pouco se importavam com as posições contrárias às suas, gostando de contrapô-las e reafirmá-las perante o mundo.

– Eles eram belos e andavam muito bem vestidos, usando as roupas de babados e calças apertadas próprias do período. Por onde passavam, chamavam a atenção das mulheres que os cobiçavam. Anselmo era mais retraído e, por trás da pretensa rebeldia, estava um coração romântico à procura do seu primeiro grande amor.

– Felipe, por sua vez, era um mulherengo. O seu coração não se importava com os sentimentos das mulheres que por ele se apaixonavam. O que ele queria era conquistá-las para depois descartá-las sem qualquer arrependimento. Para isso, mentia e fingia sentimentos. Nunca sonhou em desposar ou ficar junto com qualquer mulher. O que ele gostava era da variedade e o fortalecimento do seu ego pela conquista constante. No fundo, era um homem inseguro. Ele se aproveitava da fragilidade emocional das mulheres com quem convivia para reafirmar suas fraquezas.

– Eles estavam em uma das tavernas de Paris em meio a possíveis conquistas e debates acalorados. Todos o que com eles estavam tinham uma fórmula para melhorar o mundo e revolucioná-lo aos seus próprios interesses.

– Em meio aos debates acalorados, cujos resultados na maior parte das vezes não levavam a lugar algum, uma voz bela e irresistível ecoou por aquela taberna, cantando uma linda música.

– *A voz era de uma linda mulher, cabelos cacheados loiros e compridos, um corpo franzino e com aproximadamente 1,55 metro de altura. Seus olhos eram castanhos, os cabelos pretos e sua voz inebriava aqueles que a ouviam. Ela tinha pouco mais de 18 anos de idade e o seu nome era Dolores (Augusta).*

– *Tão logo Anselmo a viu, seu coração bateu de forma acelerada anunciando os prelúdios do amor pela primeira vez. Aquele sentimento foi irresistível, despertando tudo o que havia de bom em seu coração. A vida, em poucos instantes, ganhou um colorido desconhecido por ele até então, despertando, como um arco-íris de notas musicais distintas, todos os seus sentimentos.*

– *Ao término da canção, em meio aos aplausos de todos os presentes, Dolores se aproximou da mesa onde estavam Anselmo, Felipe e os demais amigos. O coração de Anselmo acelerou, ficando quase sem palavras ao ver a proximidade com aquela que lhe despertara o tanto amor.*

Dolores com um andar sensual, mexendo os seus cabelos, disse:

– Sejam muito bem-vindos à casa. Eu não os conhecia ainda. Caso tivesse, podem ter certeza que não teria esquecido.

E olhou dentro dos olhos de Anselmo, com a intenção de seduzi-lo.

Felipe responde:

– A sua voz e a música que cantou são muito lindas. Todos te damos os parabéns. Como é bom ouvir uma voz tão linda de uma mulher tão bela como você.

Dolores agradece e percebe a timidez de Anselmo. Olha dentro dos seus olhos e diz:

– Qual é o seu nome? Por que você está em silêncio? Não gostou da música, de mim ou da minha voz? Assim você me entristece.

Ela faz estas perguntas e em tom sedutor fixa os seus olhos nos de Anselmo que fica com o rosto rubro e envergonhado. Ele responde gaguejando:

– Sim, a sua voz é linda. A mais bela que eu já ouvi. Muito obrigado por nos presentear com tão bela melodia. O meu nome é Anselmo.

João Baiano continuou:

– Dolores ouve o elogio e agradece. Apesar de jovem, possuía grande vivência no trato com outras pessoas e, de imediato, percebeu o interesse de Anselmo. Ela disse em tom sedutor:

– Posso me sentar com vocês? Preciso de boa companhia para esta noite e tenho certeza que a encontrei. Eu nunca me engano com isso.

João Baiano continuou a relatar a história.

– Após o aceite acalorado, ela se senta ao lado de Anselmo que, por sua vez, se desconcerta. A sua vontade era

correr para longe dali. Contudo, seu coração pedia que ele aproveitasse todos os momentos ao lado daquela linda mulher e sua voz e olhos inebriantes.

– Ele não sabia o que dizer e nem quais assuntos conversar. Estava imóvel dentro de uma situação que o havia pego de surpresa. O amor instantâneo cativara o seu coração, despejando um conjunto de emoções e sensações que lhes eram desconhecidos.

– Dolores, percebendo a timidez de Anselmo, iniciou uma conversa descontraída para desinibi-lo. Conforme ele ia se soltando, novos assuntos se apresentavam e a noite passou de forma suave e sublime.

– Para conquistá-lo, concordava com tudo o que ele dizia, mesmo pensando de forma distinta. Como era uma mulher experimentada da noite, acostumada a conversar com diferentes tipos de pessoas, tinha argumentos para todos os assuntos propostos por Anselmo.

– Dolores era diferente de Anselmo em todos os princípios. Enquanto ele sonhava com um mundo melhor através dos avanços da política e filosofia, extremamente preocupado com a ignorância escolar dos pobres e as sandices da monarquia, ela se imaginava em um mundo onde obtivesse vantagem em todos os sentidos.

– Caso estivesse bem e em vantagem, pouco se importava com a situação de pobreza e opressão daqueles que estavam em sua volta. Para ela, o mundo existia apenas para satisfazer os seus interesses, não tendo qualquer compaixão com os próximos.

– Como você pode ver Sebastião, os dois eram pessoas completamente diferentes uma da outra. Uma coisa que aprendemos no mundo espiritual, e que em breve fará sentido para você, é que basta percorrer as sucessivas encarnações no passado que os oprimidos do passado se transformam em vilões do presente.

– *Anselmo estava tão inebriado por Dolores que não percebeu que ela olhava discretamente para Felipe e era correspondida com olhares insinuantes. Todos na mesa perceberam o ocorrido, menos Anselmo.*

– *Anselmo se apaixonara à primeira vista por Dolores e ela, por sua vez, se interessou por Felipe. Para o último, aquilo não passava de uma aventura noturna na cidade das luzes que não resistiria ao dia seguinte. Um amor de verão que não subiria a serra, usando um termo brasileiro. Para Anselmo, aquela noite era a maior e melhor da sua vida.*

– *Anselmo começou a procurar por Dolores, indo constantemente à taverna que ela trabalhava para ouvi-la cantar e tentar conquistá-la. Ao mesmo tempo, Dolores começou a procurar insistentemente por Felipe, assediando-o de todas as formas.*

– *Em segredo, mesmo sabendo do amor de Anselmo por ela, Felipe tivera uma calorosa noite de amor com*

Dolores e os sentimentos dela por ele desabrocharam sem ser correspondida.

– Felipe era uma pessoa que se importava apenas consigo mesmo e os seus interesses. Em casos amorosos, agia apenas em seu próprio benefício, usando as pessoas ao bel prazer, independente de machucar quem estivesse a sua volta. Ele não era alguém confiável. A traição era a essência do seu ser, subjogando qualquer um ao menor sinal de vantagem a si próprio, independentemente de ser parente ou amigo.

– Dolores era uma mulher da noite e vivia dos relacionamentos aos quais se desse bem. Ela não se prostituía, tal qual muitas das jovens das famílias mais pobres de Paris, mas se relacionava com quem achasse conveniente.

– A liberdade e impulsividade de suas ações eram as marcas de sua vida. A qualquer sinal que percebesse que

pudesse levar vantagem pessoal e manipular pessoas em seu interesse, não tinha nenhum escrúpulo em agir nesse sentido.

– Anselmo estava apaixonado e não conseguia perceber a decepção que isso poderia trazer em um futuro próximo. Felipe era o seu confidente, tido como a pessoa em que mais confiava no mundo. Em seu entendimento, ele jamais o trairia.

– Ele começou a se relacionar com Dolores. Imaginava-se casado com ela, constituindo uma família e tendo filhos. Via Dolores cantando apenas para ele, longe da vida noturna das tavernas de Paris. Fazia planos que eram ouvidos em silêncio por Dolores, que ria em seu íntimo da ingenuidade do seu pretenso namorado. A sua intenção era apenas e explorá-lo da melhor forma possível e descartá-lo em momento propício.

– Anselmo começou a pagar um quarto em um dos melhores hotéis de Paris para Dolores morar. Imaginava que isto fortaleceria o relacionamento criando vínculos mais

fortes entre os dois. O que ele não imaginava era que esta ação facilitara os encontros e deleites de Dolores e Felipe. Eles esperavam Anselmo ir embora para se encontrarem em seguida e terem tórridas noites de amor.

– Enquanto Anselmo confidenciava os seus planos amorosos para Felipe, o segundo, a exemplo de Dolores, ria em pensamento entendendo o amigo como ingênuo e tolo. Em seu íntimo, ele se achava muito mais homem do que Anselmo. Ele se sentia poderoso em enganar o amigo e ter Dolores à sua disposição para usar e se satisfazer quando quisesse.

– Dolores chegou a engravidar por duas vezes, abortando as crianças sem qualquer sentimento e arrependimento, pois entendia que a concepção de um filho afastaria Felipe.

– Nestas duas gravidezes, ela não sabia ao certo sequer quem era o pai do filho abortado. Por um lado, ela pensava que se dissesse que era de Anselmo, ele proporia casamento, o que ela não queria. Por outro lado, tinha dúvidas, caso afirmasse que Felipe era o pai, que ele a

assumiria como esposa, ela temia ficar sem os dois e, como consequência perder as regalias financeiras de Anselmo e as tórridas noites de amor com Felipe.

– Na realidade, mesmo antes de conhecer Anselmo e Felipe, ela já abortara diversas vezes, sendo esta ação rotineira em sua vida. O seu primeiro aborto ocorreu quando tinha apenas 13 anos de idade e, nos 5 anos seguintes, foram vários seguidos um do outro.

– O tempo passou e quando Anselmo estava mais apaixonado, a vida tratou de lhe mostrar a triste realidade que não conseguia enxergar. Ele viajara a trabalho e se ausentou por alguns dias. Contudo, conseguiu resolver as questões pendentes com rapidez e se apressou para voltar a Paris, reduzindo a duração da viagem em um dia.

– O seu coração tremia de saudades do seu grande amor. Contudo, quando chegou ao hotel, ao passar pela recepção, o recepcionista o olhou de forma maliciosa e riu debochado, deixando-o sem entender o motivo.

– Quando ele se aproxima do quarto de Dolores, abre a porta de forma repentina e encontra Felipe e Dolores na cama. O chão sai dos seus pés e a fúria toma conta do seu coração. Ele diz a ambos:

– Por que vocês fizeram isso comigo? O que está acontecendo aqui? Dolores, eu te amo! Eu te amo! Pensei que você também me amasse! Felipe, você é como um irmão para mim! Por que fez isso comigo? Eu abri meu coração e você me traiu! Dolores, por que você fez isso comigo? Por que me traiu com meu melhor amigo?

João Baiano continua:

– Os dois olham para Anselmo envergonhados e, buscando colocar as roupas o mais rápido possível, tentam explicar o que não é explicável.

Anselmo diz:

– Eu vou matar vocês dois! Todos estão rindo de mim! Até o recepcionista caçou quando cheguei. Agora

entendo o significado daquele sorriso maldoso. Por que fizeram isso comigo? A minha honra foi ferida! Vocês dois são desprezíveis!

João Baiano continua a história:

– Felipe se sentiu constrangido com a situação. Para ele, estar ali com Dolores era similar a estar com qualquer outra mulher de Paris. Por mais que ela o procurasse constantemente, não nutria nenhum sentimento, sendo apenas mais uma das mulheres que satisfazia seus interesses sexuais. Igual a ela tinha muitas.

– Anselmo saca a sua faca e se prepara para atacar os dois. Felipe reage e ambos caem no chão lutando violentamente. Felipe toma a faca de Anselmo e o golpeia várias vezes de forma fatal, fugindo em seguida pela janela do hotel.

– Anselmo começa a sangrar em virtude das inúmeras facadas que levou. Ele pede ajuda a Dolores que o ignora e sai do hotel, como se nada houvesse ocorrido. Ambos desaparecem pelas ruas de Paris e não mais se encontram.

– Em meio à decepção e desejo de vingança, os olhos de Anselmo se enebriam e ele deixa o corpo sem vida. Aquele lindo amor juvenil e amizade verdadeira se transformam em decepção e ódio incontrolável. Ele desencarnou revoltado e por anos procurou por Dolores e Felipe sem encontrá-los.

– Os amantes tiveram as suas vidas encerradas de forma trágica. Dolores passou a ser obsediada pelos filhos que ela abortou que não se conformaram com tal atitude assassina.

– Como resultado, os seus planos de vida fracassaram. Ela envelheceu e a sua voz e beleza ficaram no passado. Acabou por ser desprezada e abandonada por todos que estavam a sua volta.

– Implorava por ajuda e comida e não recebia retorno. As pessoas a ignoravam tal qual ela agira em sua mocidade com aqueles que dela se aproximaram. Ela morreu de fome e frio nas ruas castigadas pela neve em Paris.

– Felipe, por sua vez, continuou com o mesmo estilo de vida voltado a usar as pessoas. Ele perdeu todos os seus amigos e cada vez mais ficou abandonado. Em sua imaginação, ainda achava que sempre seria jovem e sedutor, o que a vida tratou de negar.

Ele caiu na mesma armadilha que impôs aos outros no passado. Envelheceu e não percebeu, permanecendo cativo às futilidades que regeram a sua vida. Quando se viu abandonado, percebendo que não mais recebia a atenção das mulheres, a carência tomou conta dos seus sentimentos.

– O sentimento de abandono abriu brechas para que suas carências do passado se revelassem. O seu coração se rendeu de amores por uma mulher muito mais jovem e bela. Ela era uma jovem atriz que tinha a ganância como o motor de sua vida, cujo nome era Judite. Os seus olhos azuis e cabelos louros lisos até a metade das costas e sua fala mansa acabou por cativar Felipe.

– Imaginando-se muito sábio, entendeu que ninguém conseguiria enganá-lo, achando-se ainda mais esperto do que todos os que estavam a sua volta. A linda mulher se apresentou como ingênua e frágil e ele não percebeu que se relacionava com uma loba com pele de cordeiro.

– Felipe a levara para a sua casa e com medo que ficasse desamparada após a sua morte, passou todos os seus bens para o nome dela. Ela aguardou pacientemente esta ação fingindo estar indignada com tal atitude.

– Ela, preparando o golpe, se fez de ofendida, rindo de Felipe em sua intimidade. Quando ela estava de posse de todos os seus bens, prometendo a ele uma prole de seus filhos que seriam gerados para garantir a continuidade de sua família, ela simplesmente o descartou de forma cruel.

– Felipe chegou mais cedo em sua casa e a flagrou na cama com o amante. Como ele estava velho e fraco, não teve como reagir. De posse de todos os seus bens, ela simplesmente

o expulsou de sua própria casa deixando-o na rua, onde desencarnou doente, abandonado e na miséria.

– Felipe e Dolores vagaram por muitos anos no Umbra! e acabaram por se arrepender, entendendo que o que ocorreu no final de suas vidas foi o resultado do desdobramento dos seus próprios atos, sendo posteriormente socorridos.

– Em seus planos reencarnatórios, combinaram que constituiriam uma família para recuperar as expiações passadas.

– Contudo, Baltasar (Felipe) sucumbiu perante nas provas de sua expiação. Ele caiu novamente no erro da falta de moral ao entregar os planos dos revoltosos, aos quais muitos eram seus amigos, em benefício próprio. Isso propiciou com que o derramamento de sangue ocorresse em larga escala durante o conflito baiano, tal qual vivenciamos em nossa última encarnação, Sebastião.

– *Anselmo, por sua vez, vagou por muitos anos no Ubral, pois seu coração não conseguiu perdoar a traição. A mobilização dos irmãos trevosos em torno do derramamento de sangue em Salvador, acabou por permitir que ele localizasse o casal que o traíra, aguardando um peão para pôr a sua vingança em curso.*

– *Quando Anselmo os viu como um casal, a revolta tomou conta do seu coração partido no passado. Na realidade, ele ainda tinha sentimentos pelos dois, mas não se conformava pela traição. Este foi o motivo dele procurar alguém para realizar a vingança, pois acreditamos que ele mesmo não conseguiria.*

– *O seu coração ainda está triste e decepcionado. Contudo, como te contei, acredito que ainda tenha sentimentos pelo amigo e ex-namorada que o traíram. Ele pode voltar a ser aquele rapaz sonhador e romântico do passado que queria mudar o mundo. Oremos a Deus para que os eventos apontem para este caminho.*

A Reconciliação

*S*ebastião tinha mais perguntas do que respostas. Tudo o que acontecera a sua volta começara a fazer sentido e as peças se encaixavam. João Baiano, com a ajuda de Rodolfo e Antonieta, o elucidara de uma forma simples e explicativa, dando sentido a todos os eventos que ocorreram.

Os três abraçaram Sebastião e disseram que era o momento de seguir a sua vida e tomar o caminho evolutivo para novos desafios e descobertas. O cenário constante da guerra desaparecera de seus olhos e ele se animara em conhecer novos amigos, baianos como ele.

Baltasar e Augusta são informados de todos os eventos que aconteceram e que estavam desencarnados há mais de 100 anos. Em um momento de lucidez repentina, relembram de sua penúltima encarnação e como foram cruéis com Anselmo.

Ambos pedem, antes de partirem, para terem uma chance de iniciar a reconciliação com Anselmo. Gostariam de encontrá-lo e com ele conversar, pedindo perdão e demonstrando todo o seu arrependimento.

Anselmo, por sua vez, estava solitário. Ele não mais podia fingir ser um Coronel no conflito, pois a maior parte dos irmãos que estavam presos no loop temporal da guerra foram libertados e socorridos pelos irmãos da corrente dos baianos. O seu objetivo maior de vingança contra Baltasar e Augusta havia se perdido.

Com ajuda dos irmãos baianos que ansiavam pelo seu resgate, ele se lembra de sua última encarnação. Ele reflete sobre todo o ocorrido se lembra do passado e de suas alegrias. Os seus sonhos, as preocupações com a melhoria de vida dos pobres, a participação ativa na ciência e na tecnologia, entre outros, desperta nele um ser adormecido.

Ele se lembrou de toda a sua vida e seus sonhos e, no mesmo instante, da traição à qual passara. Foi aí que per-

guntou para si mesmo. Por mais trágico que tenha sido a sua desilusão, será que não teria que ter continuado a sua vida, assumindo a decepção como experiência para relacionamentos amorosos futuros? Na balança de tudo aquilo que acreditava, o que passou se tornou insignificante.

Em meio a estas reflexões, com a sabedoria dos irmãos da corrente dos baianos que acompanhavam os seus pensamentos, Baltasar e Augusta a ele se apresentam. De imediato, com intervenção dos irmãos baianos, plasmaram o seu corpo e mudaram a sua aparência para Felipe e Dolores.

Anselmo vê os dois na sua frente e os seus olhos enchem de lágrimas em um misto de decepção e o amor que os ligava a eles no passado. Felipe pede a palavra e diz:

– Anselmo, estamos aqui para te pedir perdão por nossos erros no passado. Nós éramos pequenos espiritualmente para lidar com uma pessoa tão boa como você. Nós erramos porque fomos mesquinhos e não entendíamos o poder do amor e da amizade.

Dolores continua:

– Anselmo, você me deu o que tinha de mais puro em seus sentimentos e eu não valorizei. Eu sei que te machuquei da forma mais cruel possível. Peço-te que me perdoe!

– Sabemos que é difícil você aceitar de imediato, pois muito te magoamos. O que podemos te dizer é que lutamos para aprender com nossos erros. Pedimos a Deus que um dia nos dê a oportunidade de reparar os nossos erros, devolvendo a você todo o amor que nos deu e não soubemos reconhecer.

Anselmo ouve as explicações de Dolores e Felipe e se põe a chorar. Como dissemos, a essência do seu coração era boa, mantendo os mesmos valores que permearam a sua última encarnação. O pedido de desculpas de Dolores e Felipe desengaularam aqueles sentimentos e formas de observar o mundo que há muitos anos fora aprisionado pelo ódio e a decepção.

Com a ajuda dos irmãos baianos, plasmando energias positivas a sua volta, Anselmo diz:

– *Eu tive ódio por vocês durante muitos anos. Contudo, mesmo o que ocorreu foi para o meu amadurecimento e crescimento. A lição foi dura e eu não consegui aprendê-la, ficando com pena de mim mesmo.*

– *O que estava em jogo era um despertar para a vida que não entendi e que acabou por me adormecer. Eu fechei os olhos e não vi o que estava em meu rosto. Hoje, acredito que não quis ver, para enganar a mim mesmo.*

– *Eu poderia ter seguido a minha vida e encontrado outra pessoa que me faria feliz e compartilharia comigo os mesmos sonhos que eu tinha. Eu fui teimoso e tentei forçar as coisas para que elas acontecessem da forma que eu queria.*

– *Hoje, tenho a compreensão à qual também tenho minha parcela de culpa nesta história, pois deixei me enganar e acabei por enganar a mim mesmo.*

– *Os meus sentimentos do passado em relação a vocês ainda se confundem entre o amor, a amizade e a decepção.*

Acredito que só o tempo permitirá que tudo seja esquecido e compreendido em profundidade.

Dolores olha para Anselmo e Felipe, estende as mãos e diz:

– Será que eu posso abraçá-lo, Anselmo? Eu quero pedir perdão através de um abraço verdadeiro. O primeiro que valerá a pena desde que o conheci.

Felipe olha para Anselmo e diz:

– Olhe só onde o meu legado de traições me levou. O evento que participamos entrou para a história do Brasil. Eu sempre serei lembrado como um traidor. O esquecimento deste fato em encarnações futuras será a maior recompensa que receberei.

– Lutarei com todas as forças em futuras encarnações para nunca mais trair, honrar os meus amigos e aqueles que acreditam em mim.

Anselmo olha para Sebastião e se aproxima. Estende os braços e lhe pede perdão por tê-lo usado como instrumento de vingança. Sebastião se emociona com o pedido de perdão tão sincero de Anselmo. O último diz:

– Sebastião, gostaria de tê-lo como amigo no futuro. Sinto que você é uma pessoa boa que gostaria de ter em minha convivência. Um dia poderei retribuir com coisas boas o mal que te fiz.

Sebastião olha para Anselmo e responde:

– Acredito que todos nós fomos vítimas nesta história. Todos erramos e temos como desafio compensar os nossos erros sendo importantes uns aos outros no futuro. Quem sabe, com a intervenção da espiritualidade, possamos estar todos juntos em futura encarnação, unidos pelos laços do amor, ajudando os necessitados.

Todos se abraçam chorando e os irmãos da corrente dos baianos se emocionam. Em meio a comovente cena, eles desaparecem rumo a Aruanda.

Sebastião com olhos cheios de lágrimas abraça João Baiano e pergunta:

– O que você acha que acontecerá com estes três daqui para diante?

João Baiano responde:

– A reconciliação é um processo difícil que em alguns casos transcende uma encarnação. A espiritualidade terá sabedoria em aproximá-los em planos reencarnatórios futuros.

– Acredito que eles compartilharão muitas experiências conjuntas no futuro que os aproximarão. Pelo que vejo, as lições começam a ser aprendidas.

– Observe como é grande a Justiça Divina na vida das pessoas, transformando penas e vinganças em aprendizados e resgates para o futuro.

– Dolores (Augusta) vivia para enganar as pessoas. Praticava abortos sem qualquer consciência e arrependimen-

to, sendo, infelizmente, algo comum no período em que viveu. Com isso foi obsediada pelos seus filhos abortados, algo que terá que resgatar com eles no futuro.

– Quando você foi designado por Anselmo para obsediar o casal que não tinha consciência que desencarnara, a sugestão posta para o sofrimento de Augusta era a gravidez e perda do filho. Com isso, ela aprendeu a valorizar a maternidade, algo que lhe era fútil no passado. Este aprendizado será fundamental para ela valorizar a vida no futuro. Ela terá condições de ser um grande ser humano, sendo importante para a vida de muitas pessoas.

– Já Felipe (Baltasar) teve a traição como ponto de referência e expiação nas suas últimas encarnações. Ele sucumbiu em ambas. Todo o dinheiro que ganhou delatando os revoltosos não adiantou para que salvasse a sua esposa. O complexo de Midas tomou conta de sua vida e desencarnou impotente com o ouro em suas mãos.

– *As experiências obsessivas que foram sugeridas a ele através do fracasso nos negócios e desprezo daqueles que ajudou, despertou a importância da valorização dos amigos e a fidelidade com os princípios em comum em nome do interesse da maioria.*

– *Nesse sentido, ambos aprenderam com suas experiências. Já você, meu amigo querido, aprendeu que a vingança não leva a lugar algum. Aqueles que se deixam por ela dominar, acabam por ter seus corações cativos e sendo alvos fáceis de manipulação.*

– *Isto não significa que deva abdicar de suas ideias e aspirações. O que é necessário é o equilíbrio para defendê-las, sob pena de se perder os seus próprios princípios.*

– *A luta baiana não foi em vão. Muito pelo contrário. Ela se associou a um conjunto de lutas que acabou por separar o Brasil de Portugal, libertar os escravos e o proclamar a República no país.*

– Contudo velho amigo, um grande desafio estará presente no país. A abolição da escravatura não significa o desaparecimento das ideias que a defendem. Os nossos irmãos ainda terão por muitas décadas a luta para retirar do imaginário da cultura brasileira o espectro da escravidão.

– Por mais que a escravidão foi abolida, o racismo estrutural permanecerá, despertando aquilo que tem de pior nos sentimentos humanos. A humanidade avançará para o século XXI e os conflitos ainda permanecerão.

– Falsos profetas se apresentarão e iludirão os menos avisados, colocando-se como apóstolos da verdade, quando na verdade são os precursores da enganação e da maldade. As pessoas perderão a noção de suas ações, vendo as outras por aquilo que elas têm de pior, e não pelas suas qualidades.

– É nesse sentido Sebastião que aqueles que passaram experiências difíceis, como é o caso de Anselmo, Felipe (Baltasar) e Dolores (Augusta) serão importantes para o futuro. Eles serão os grandes combatentes da verdade no

futuro, pois experimentaram no passado os efeitos nefastos de sua ausência na vida das pessoas.

Rodolfo e Antonieta se aproximam de João Baiano e Sebastião e pedem para que em conjunto de concentrem em Jesus.

Neste momento, um flash repentino do futuro se materializa nas mentes de todos. O ano é 2020. Baltasar agora se chama Ulisses e Augusta tem o nome de Esperança. Ambos possuem uma Organização não Governamental que ajuda crianças carentes na rua e ampara jovens mulheres grávidas com garra e grandeza do amor. Eles lutam pela vida com toda a força da espiritualidade.

Em virtude da pureza dos seus corações, deles se aproximam para o trabalho uma corrente de Erês, muito próximas dos Orixás, dotadas de extrema bondade e sabedoria. A alegria e sabedoria destas crianças influenciam a ação e força interventiva deste casal que luta de forma desenfreada pelos direitos humanos infantis.

Dois anos se passam e Esperança aparece em uma maternidade dando à luz a um lindo menino que crescerá cheio de sonhos e expectativas para mudar a vida de todas as pessoas. Esta foi uma gravidez esperada com todo amor e carinho, uma criança que seria criada com todo o respeito e amor e resgataria todas as diferenças que ocorreram no passado.

O nascimento desta criança uniria estes três espíritos em uma missão de amizade construída durante muitos anos nos planos superiores que os uniria por toda a existência. Intuídos pelos Éres, o nome escolhido do seu primeiro filho é Anselmo.

Os irmãos se abraçam e partem felizes ao som da música, da capoeira e dos tambores e atabaques de Aruanda.

